

Plantas Úteis

DE MINAS GERAIS

Na obra dos Naturalistas

Maria das Graças Lins Brandão



MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL
E JARDIM BOTÂNICO
DA UFMG

DATAPLANT

FAPEMIG

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

Neste catálogo, são apresentados dados e imagens de 100 plantas nativas de Minas Gerais, cujos usos foram descritos por naturalistas que viveram nos séculos XVIII e XIX. As informações são primárias, ou seja, recolhidas em uma época em que a vegetação natural era densa e a fitoterapia era praticada, quase que exclusivamente, a partir do uso de espécies da biodiversidade brasileira.

Além dos dados históricos, este catálogo traz resultados de pesquisas farmacológicas realizadas com as plantas, bem como informações sobre registros de patentes. Esperamos que este trabalho contribua para que se mantenha vivo o conhecimento tradicional sobre as nossas plantas, estimule sua conservação e auxilie no despertar do interesse pela ciência entre as novas gerações de brasileiros.

DATAPLANT

Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas
Museu de História Natural e Jardim Botânico
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2010

PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS
NA OBRA DOS NATURALISTAS

(1ª reimpressão)



Maria das Graças Lins Brandão

PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS
NA OBRA DOS NATURALISTAS

Belo Horizonte
Código Editora
2010

Plantas úteis de Minas Gerais – na obra dos naturalistas
Copyright © 2010 por Maria das Graças Lins Brandão

Editoração, arte-final e projeto gráfico
IDM Composição e Arte Ltda

Revisão
Prof. Jacyntho Lins Brandão (Língua Portuguesa)
Dra. Juliana de Paula-Souza (Botânica)

Fotos
Maria das Graças Lins Brandão

Impressão
Imprensa Universitária da UFMG

FICHA CATALOGRÁFICA

B817p Brandão, Maria das Graças Lins
 Plantas úteis de Minas Gerais – na obra dos naturalistas / Maria das
 Graças Lins Brandão . --- Belo Horizonte : Código Comunicação , 2010.

120 p. il.

1. Plantas-Minas Gerais. 2. Plantas úteis-Minas Gerais. I. Título.

CDU 581.9(815.1)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria
CRB-6 nº 1006

APRESENTAÇÃO

A colheita é comum, mas o capinar é sozinho.
Guimarães Rosa

Sempre fico entusiasmado com projetos que cruzam saberes como o popular e o científico. Afinal, foi da observação do natural, dos fazeres comuns do ser humano, das práticas vivenciais que os grandes mestres da humanidade retiraram inspiração ou motivo para as suas descobertas.

Por isto, é com prazer que apresento esta coletânea de informações sobre plantas medicinais, devidamente estudadas, catalogadas e referenciadas por Maria das Graças Lins Brandão, num trabalho que coloca a Academia no lugar em que ela sempre devia estar: de resgate e defesa da sabedoria popular, buscando seus fundamentos científicos, procurando os princípios que a informam para – quem sabe? – a partir deles, atingir novos patamares de conhecimento.

Aqui podemos encontrar os fundamentos das recomendações que todos ouvimos, tantas e tantas vezes de nossas mães e avós quanto à propriedade curativa das plantas medicinais. Quem não se lembra dos chás de boldo quando se instalava um mal-estar de estômago, do de canela cheirosa quando nos vinha a gripe, de hortelã para muitos e muitos males e a delícia da erva doce e do mate a qualquer pretexto? A gente até poderia dizer que eles têm sabor de infância, de bons tempos ingênuos e amorosos nos quais até os remédios para o corpo vinham das mãos amorosas de nossas mães.

O preconceito afastou das preocupações de nossos cientistas o estudo mais acurado de nossas plantas medicinais, até que novas gerações, mais sintonizadas com as dificuldades de nosso povo e sensíveis aos apelos “naturais” da contemporaneidade passassem a incluir investigações esta área em seus projetos de pesquisa avançada. Os resultados são muitos e levaram, recentemente, o Ministério da Saúde a reconhecer a legitimidade de “receituário” nesta área.

A nossa pesquisadora fez um trabalho primoroso ao juntar resultados de estudos recentes e as anotações dos naturalistas viajantes – como o célebre Von Martius – sobre as plantas úteis de nosso Estado. É a história iluminando o presente, a vivência informando a ciência e como resultado final uma publicação cuidada, bonita e da maior importância para todos nós.

Que tais conhecimentos não fiquem nas prateleiras das Universidades! Que saia da academia para ajudar a nossa população!

José Carlos Carvalho
Secretário de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

AGRADECIMENTOS

Este livro é mais um produto desenvolvido pela equipe do Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas da Universidade Federal de Minas Gerais (DATAPLAMT – UFMG). O principal objetivo do nosso grupo é recuperar, organizar e divulgar aspectos históricos e técnico-científicos sobre as plantas úteis nativas do Brasil, que contribuam para sua conservação e melhor aproveitamento. Outro objetivo do grupo é despertar nos estudantes o interesse pela área da ciência, especialmente nas disciplinas envolvidas com este tema. Este catálogo, desenvolvido com o apoio do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, traz dados e imagens, antigas e atuais, de 101 plantas nativas, cujos usos foram registrados por naturalistas que percorreram o estado de Minas Gerais (e seu entorno) nos séculos XVIII e XIX. Estas informações são importantes porque são primárias, ou seja, recolhidas em uma época em que a vegetação natural era densa e a fitoterapia era praticada, quase que exclusivamente, a partir do uso de espécies da biodiversidade brasileira. Mais informações sobre as plantas aqui apresentadas, além de centenas de outras espécies, podem ser obtidas no banco de dados disponíveis no website do DATAPLAMT, construído especialmente para este fim (www.dataplamt.org.br).

É preciso deixar aqui os agradecimentos ao CNPq e à FAPEMIG pelo contínuo apoio aos nossos projetos, além de todos aqueles que, de alguma forma, vêm contribuindo para a execução dos mesmos. Agradecemos especialmente à Bióloga Aline L. Abreu e ao Padre Marcus Alexandre (Reserva Natural do Caraça); à Dra. Viviane Scalon e ao Jorge Silva (Herbário José Badini, UFOP, Ouro Preto); à Profa. Cristiane F. Graef (Depto. de Farmácia, UFVJM, Diamantina); a Henri Collet (Diretor do Parque Nacional da Serra do Cipó); à Profa. Fátima Salimena (Herbário Leopoldo Krieger, UFJF, Juiz de Fora); à Profa. Aparecida C. Santos (Centro de Ciências Naturais, UFSJ, São João Del Rei); ao Dr. Marc Pignal (Museu Nacional de História Natural da França, Paris); ao Dr. Bruno Wallnoeffer (Museu de História Natural da Áustria, Viena); Eleni Vieira (Museu do Tropeiro, Ipoema); e ao Dr. Marcos Paulo Souza-Miranda (Ministério Público de Minas Gerais). Agradecemos também à botânica Juliana de Paula-Souza (bolsista de pós-doutorado da FAPEMIG), que vem nos auxiliando na identificação taxonômica e na normatização da complicada nomenclatura botânica. Agradeço, particularmente, aos amigos Prof. Luiz Bernardes, Armanda Sales, Iara Salomé, Júlio Terra, Izabel Cuppertino e Jordano, além de aos integrantes do Grupo Millefolium; aos colegas do CEDEPLAR (Faculdade de Ciências Econômicas), Projeto Manuelzão (Faculdade de Medicina), Depto. de Botânica (Instituto de Ciências Biológicas) e Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG; e a todos os estudantes e profissionais que já integraram e/ou integram o DATAPLAMT, em especial ao farmacêutico Gustavo P. Cosenza e às nutricionistas Juliana M. Almeida e Verena B. Oliveira, que, com constante entusiasmo, vêm participando de todos os projetos.

Profa. Maria das Graças Lins Brandão
Coordenadora do DATAPLAMT-UFMG

ÍNDICE

Biodiversidade e plantas úteis de Minas Gerais	9	Carapiá	42
Biotecnologia de plantas medicinais	11	Caroba.....	43
Biografia dos naturalistas que compõem este catálogo	13	Carqueja-amarga.....	44
Dados e imagens das plantas	15	Casca d'anta	45
Açoita-cavalo	17	Chá-de-pedestre	46
Alcaçuz.....	18	Coco-de-purga.....	47
Alecrim-do-campo	19	Colher-de-vaqueiro.....	48
Algodoeiro.....	20	Congonha.....	49
Algodãozinho-do-campo	21	Copaíba	50
Angico	22	Douradinha-do-campo.....	51
Araçazeiro.....	23	Drosera	52
Araticum.....	24	Embaúba.....	53
Arnica	25	Erva-de-bicho	54
Aroeira.....	26	Fedegoso	55
Árvore-do-sabão	27	Gabirola	56
Assa-peixe.....	28	Gentiana	57
Azedinha.....	29	Gervão.....	58
Barbatimão	30	Goiabeira	59
Bignonia.....	31	Índigo.....	60
Buriti.....	32	Ingá	61
Bútua	33	Ipecacuanha.....	62
Cagaiteira	34	Ipê-roxo.....	63
Cainca	35	Jaborandi.....	64
Cajueiro	36	Japecanga	65
Cajuzinho-do-campo.....	37	Jarrinha.....	66
Camará	38	Jatobá	67
Cana-de-macaco	39	Juazeiro	68
Canela-de-ema.....	40	Lobeira.....	69
Capeba	41	Macaúba	70
		Macela-do-campo.....	71
		Malva-do-campo	72

Mangabeira.....	73	Pipi.....	95
Maracujá-de-estralo	74	Pitangueira.....	96
Maracujá-grande	74	Pitombeira	97
Mate	75	Poaia	98
Mulungu	76	Poaia-do-campo	99
Murici	77	Ponta-de-lanceta	100
Mutamba	78	Quaresmeira.....	101
Orelha-de-onça	79	Quina-do-campo	102
Outros Frutos Nativos	80	Quina-mineira	103
Paineira.....	81	Rosa-do-campo	104
Panaceia.....	82	Saião.....	105
Paratudo	83	Salsaparrilha	106
Pata-de-vaca	84	Sambaíba	107
Pau-Brasil.....	85	Sambaibinha.....	108
Pau-de-leite.....	86	Sucupira.....	109
Pau-paratudo.....	87	Tiborna	110
Pau-pereira	88	Tingui	111
Pau-santo.....	89	Urucum.....	112
Pau-terra.....	90	Vassourinha	113
Pé-de-perdiz.....	91	Verbasco.....	114
Pequizeiro	92	Glossário de termos técnicos.....	115
Pimenta-de-macaco.....	93	Índice Remissivo	116
Pinheiro-brasileiro	94	Referências	119

BIODIVERSIDADE E PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS

Minas Gerais já foi um estado muito rico em plantas medicinais, distribuídas em seus diversos ecossistemas. As florestas cobriam 45% do seu território e os cerrados e a caatinga permaneceram inexplorados até o final do século XVII, pois a colonização portuguesa se concentrava no litoral. Muitos povos nativos viviam aqui, até serem deslocados ou mesmo dizimados pelos colonizadores e, posteriormente, pelos próprios brasileiros. O século XVIII foi marcado pelo impacto da atividade mineradora e, com o esgotamento do ouro no século XIX, houve uma intensificação das práticas agropecuárias, especialmente em áreas anteriormente cobertas pela Mata Atlântica. No século XX iniciou-se a industrialização e a urbanização do estado, com a construção das ferrovias e dos projetos siderúrgicos, seguidas do reflorestamento com a monocultura do eucalipto. Atualmente, outros projetos, como a expansão da produção de álcool, biodiesel, minérios e soja, ameaçam o que restou da vegetação nativa. Todos esses processos têm conduzido a uma intensa *erosão genética e cultural* em relação às plantas úteis de Minas Gerais e raras são as pessoas que, nos dias de hoje, de fato usam as plantas da nossa biodiversidade, segundo as tradições do passado.



Muitas informações sobre as plantas nativas de Minas Gerais e seu entorno encontram-se registradas em bibliografia dos séculos XVIII e XIX. Vários naturalistas descreveram a biodiversidade vegetal do Estado e o aproveitamento que dela fazia a população da época. Entre estes grandes cientistas estão o mineiro Frei Mariano da Conceição Vellozo e o português Bernadino Antônio Gomes. Com a chegada da Família Real e a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, outros naturalistas estrangeiros tiveram permissão para entrar no Brasil. Minas Gerais foi visitada por vários deles e isso evidencia o fascínio que a diversidade da flora, desde cedo, exercia sobre os pesquisadores de outras partes do mundo. Os europeus fizeram observações minuciosas sobre vários aspectos da vida dos mineiros, incluindo o uso de plantas medicinais. A contribuição de todos os naturalistas para o

conhecimento da flora brasileira é incalculável: centenas de novas plantas foram descobertas e descritas.

Neste catálogo, são apresentados dados e imagens, antigos e atuais, de 101 plantas úteis nativas de Minas Gerais e seu entorno. As informações históricas foram extraídas de acervos bibliográficos e botânicos reunidos por 14 naturalistas e depositados em instituições nacionais e da Europa. Destaque deve ser dado aos registros feitos pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire. A equipe do DATAPLAMT tem estudado seus cadernos de campo que permaneceram praticamente intocados desde a sua morte. Os primeiros registros feitos em seus cadernos para as plantas *chá-de-pedestre* e *orelha-de-onça* por exemplo, associados às imagens das amostras tipo (usadas para a descrição botânica da espécie) e a respectiva ilustração da planta em sua obra *Plantas Usuais dos Brasileiros* (1824), são aqui apresentados pela primeira vez. Para cada planta foram associados também alguma referência sobre resultados de estudos farmacológicos realizados recentemente e/ou registros de patentes.

O objetivo principal desta publicação é divulgar dados e imagens de plantas nativas de Minas Gerais. Sabemos que não se encontra perfeita, mas optamos por publicá-la mesmo assim neste momento, para compor as comemorações do Dia Internacional da Biodiversidade, em 22 de maio de 2010. Esperamos que ela de fato contribua para que se mantenha vivo o conhecimento sobre a nossa flora, promova a sua conservação e melhor aproveitamento.

BIOTECNOLOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS

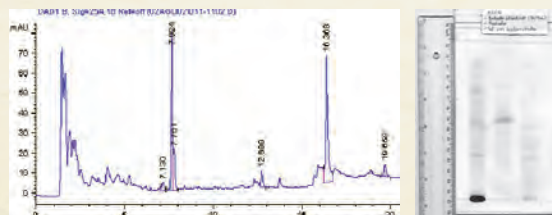
Desde a década de 70, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a importância das plantas medicinais para o tratamento de várias doenças, mas alerta que esses remédios tradicionais precisam passar por processos biotecnológicos de *validação*. Validar uma planta medicinal significa verificar se ela, de fato, tem o efeito farmacológico proclamado e não é tóxica. Dezenas de plantas medicinais, como capim-santo, babosa, hortelãs, boldo-do-chile, erva-doce e camomila, por exemplo, já foram validadas e são recomendadas para uso como fitoterápico pela OMS e Ministério da Saúde do Brasil. Infelizmente, tanto estas quanto a grande parte das plantas validadas hoje, não são nativas do Brasil; elas são espécies *exóticas*, que vêm sendo introduzidas aqui desde os primeiros tempos da colonização portuguesa. Por outro lado, raras são as plantas brasileiras que já foram estudadas completamente e transformadas em medicamentos. É portanto, importante e necessário estimular e apoiar os estudos com as nossas plantas, especialmente pelos cientistas brasileiros.

Os métodos usados pelos cientistas para validar uma planta consistem de estudos botânicos, químicos, farmacológicos e toxicológicos:

Estudos botânicos: Começam com a coleta correta da planta e preparação de *exsicata* para *identificação taxonômica* (= definição da família, gênero e espécie). Essa *identificação* é feita pela observação de características próprias de cada espécie, como disposição das folhas no caule, pétalas e sépalas, entre outras características morfológicas. As partes da planta usadas para a preparação dos remédios são também coletadas, desidratadas a baixa temperatura (para que não haja perdas ou degradação dos princípios ativos = p.a.) e trituradas em moinhos, até sua transformação em pó. Sob essa forma, o material passa a ser chamado *droga vegetal*.



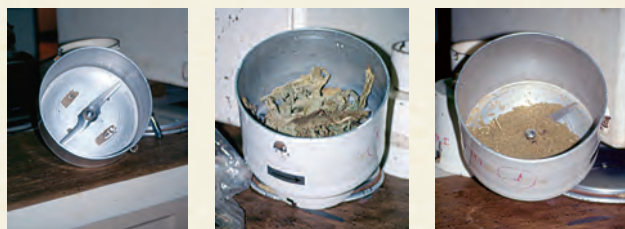
Preparação de exsicata



Cromatografia líquida e em placas

Estudos químicos: Os prováveis p.a. das plantas são extraídos da *droga vegetal* com solventes (álcool, por exemplo). Existem vários métodos para se fazer as extrações: um deles é a *percolação*, que consiste em passar pela droga vegetal uma sucessão de solventes, que vão arrastar os componentes químicos para fora da célula vegetal. Esses líquidos são depois evaporados a baixa

temperatura, até a obtenção dos *extratos secos*. Para purificar os p.a. é usada a *cromatografia*, processo de separação das substâncias químicas de uma mistura. As estruturas químicas dos p.a. são caracterizadas por meio de *métodos espectroscópicos*, como o ultravioleta, o infravermelho, ressonância magnética nuclear e a espectrometria de massas.



Pulverização do material



Percolação

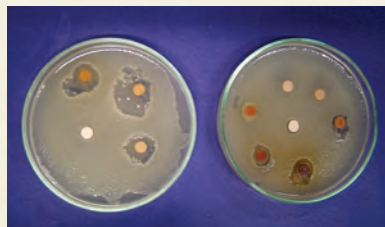


Evaporação



Extrato-seco

Estudos farmacológicos e toxicológicos: Podem ser efetuados por meio de *testes in vitro*, nos quais os extratos são colocados em contato direto com os agentes causadores de doenças, como vírus, bactérias ou parasitas; ou *in vivo*, nos quais se usam animais de laboratório (cobaias). Para os produtos que apresentam eficácia nesses ensaios e não são tóxicos, são posteriormente desenvolvidas fórmulas farmacêuticas e métodos de controle de qualidade.



Teste *in vitro*



Teste *in vivo*

BIOGRAFIA DOS NATURALISTAS QUE COMPÕEM ESTE CATÁLOGO

Frei M.C. Vellozo (1742-1811): O clérigo e botânico brasileiro (e mineiro) foi o responsável pelos primeiros estudos da flora do Rio de Janeiro e seu entorno, a partir dos quais foi produzida a *Flora Fluminensis*. Nesse trabalho foram descritas e ilustradas, pela primeira vez, grande parte das espécies ocorrentes na Mata Atlântica.



B.A. Gomes (1768-1823): O médico e botânico português veio ao Brasil em 1797, onde permaneceu até 1801, e, posteriormente, em 1817, quando aqui ficou por mais seis meses, prestando serviços médicos à princesa Leopoldina, noiva de Dom Pedro, futuro imperador do Brasil. Estudou várias espécies de plantas medicinais, das quais descreveu a morfologia e propriedades terapêuticas.

J. Luccock (1773-1826): Era um comerciante inglês que permaneceu no Brasil de 1808 a 1818. Apesar de não ser naturalista, descreveu importantes aspectos sobre os costumes dos brasileiros e o uso das plantas.



G.H. von Langsdorff (1774-1852): Era médico e exercia funções consulares e diplomáticas no Rio de Janeiro, a serviço do governo russo. Suas expedições percorreram extensas regiões do centro-oeste e norte do Brasil, e foram integradas pelo ilustrador Rugendas e pelo botânico alemão Riedel.

A. de Saint-Hilaire (1779-1853): Naturalista francês que esteve no Brasil entre 1816 e 1822. Percorreu grande parte do centro-sul do país, incluindo os cerrados do Planalto Central. Suas viagens foram publicadas em vasta bibliografia, além de em outras obras específicas sobre as plantas. Seu herbário, contendo plantas coletadas durante as viagens, chegou a ter sete mil espécies, estando depositado no Museu Nacional de História Natural da França, em Paris.



J. E. Pohl (1782-1834): Era botânico da Áustria e esteve no Brasil de 1817 a 1821, percorrendo o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. Sobre a flora brasileira, publicou uma obra, *Plantarum Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae*. Seu herbário encontra-se no Museu de História Natural da Áustria, em Viena.



C.F.P. Martius (1794-1868): Botânico alemão, esteve no Brasil, ao lado do zoólogo Spix, entre 1817 e 1820. As coletas feitas em suas viagens foram base para a *Flora Brasiliensis*, que descreve vinte mil espécies de plantas. Von Martius ainda redigiu as obras *Nova genera et species plantarum* e o *Systema de Matéria Medica Vegetal*, onde são descritos os usos das plantas pelos brasileiros.

F. Denis (1798-1890): Viajante e escritor francês, e especialista em história do Brasil. Veio para nosso país em 1816, tendo aqui permanecido pelos cinco anos seguintes. Escreveu sobre a história e costumes brasileiros ao longo de mais de 60 anos, e sua dedicação em favor da nossa cultura é muito apreciada por intelectuais e governantes.



A. D'Orbigny (1802-1875): Botânico e enciclopedista francês, desde cedo se interessou pelo estudo das ciências naturais, influenciado pelo pai que era médico e naturalista amador. Viajou em missão pelo Museu de Paris na América do Sul entre 1826 e 1833, tendo percorrido o Brasil e países vizinhos. Parte de suas descobertas foram publicadas numa obra que foi considerada por Darwin como “um dos grandes monumentos à ciência do século XIX”.

H. Burmeister (1807-1892): Alemão, era entomologista e professor. Esteve no Brasil de 1850-1851 e viveu muitos anos na Argentina, como diretor do Jardim Botânico de Buenos Aires.

C.J.F. Bunbury (1808-1866): Era mineralogista inglês mas possuía interesse geral em ciências naturais. Esteve no Brasil entre 1833-1835 e descreveu o uso de várias plantas.

Conde de Castelnau (1810-1864): Nasceu em Londres e estudou ciências naturais em Paris. Entre 1843-1847 cruzou a América do Sul, do Peru ao Brasil, seguindo o Amazonas e os sistemas do Rio da Prata. Posteriormente, serviu como cônsul francês na Bahia.

R. Burton (1821-1890): Foi um grande viajante inglês sendo ele o descobridor da nascente do Rio Nilo. Esteve no Brasil em 1861 quando percorreu de canoa o Rio das Velhas, depois o Rio São Francisco, até o oceano Atlântico. Burton descreveu minuciosos aspectos da vida dos mineiros, inclusive o uso de várias plantas medicinais.

E. Warming (1841-1924): Taxonomista, morfologista e fitogeógrafo dinamarquês, trabalhou em Lagoa Santa com o famoso paleontólogo Peter Lund de 1863 a 1866. Durante este período, coletou cerca de 2600 espécies de plantas, e seus estudos minuciosos sobre a flora da região foram publicados no livro “Lagoa Santa”.



DADOS E IMAGENS DAS PLANTAS

As informações encontram-se organizadas da seguinte forma:

NOME POPULAR

Nome científico

Família

Outros nomes populares citados pelos naturalistas

RELATOS DOS NATURALISTAS

São apresentadas informações coletadas por 14 naturalistas que percorreram Minas Gerais e seu entorno, nos séculos XVIII e XIX, além de outras bibliografias da mesma época.

IMAGENS ATUAIS DAS PLANTAS

IMAGENS ANTIGAS E DE HERBÁRIOS:

Manuscrito:

Cadernos de campo de A. de Saint-Hilaire

Herbários:

MNHN: Museu Nacional de História Natural da França, Paris

MHN: Museu de História Natural da Áustria, Viena

UFOP: Herbário José Badini, Ouro Preto

UFJF: Herbário Leopoldo Krieger, Juiz de Fora

UFMG: Herbário BHCB, Belo Horizonte

UFSJ: Herbário da UFSJ, São João del Rei

Bibliografia:

Bernardino A. Gomes, Plantas Medicinais do Brasil, 1790-1801

von Martius, Nova Genera et Species Plantarum, 1823-1824

Saint-Hilaire, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Resultados de pesquisas farmacológicas (extraídos do Scifinder e Pubmed).



AÇOITA-CAVALO

Nome Científico: *Luehea grandiflora* Mart.

Família: MALVACEAE

“A casca da arvore, que assaz frequentemente se encontra na provincia de Minas, deve contar-se entre os productos adstringentes; e supposto possua esta qualidade em menos em menor gráo do que outras, assentei contudo que não devia omitti-la, por ser de regiões elevadas, onde as arvores idoneas para a preparação das pelles são muito menos freqüentes do que nas terras baixas, povoadas de vegetais sempre verdes. Emprega-se em fomentações adstringentes nos tumores rheumaticos das articulações; assim como em crysteis nas diarrheas chronicas e injeções na leucorrhéa.”

C.F.P. von Martius
Sistema de Matéria Médica
Vegetal Brasileira, 1824



L. grandiflora, Mariana



MNHN Paris



Nova Genera et Species
Plantarum, 1823-1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

ALÇAÇUZ

Nome Científico: *Periandra mediterranea*
(Vell.) Mart.

Família: FABACEAE - FABOIDEAE

“Entre os produtos naturais conhecidos e utilizados na região temos: a poaia (ipêcacuanha) branca e preta, a quina do campo, uma espécie de **alçaçuz** e o anil, que cresce espontaneamente.”

F. Castelnau
Expedição às regiões centrais da
América do Sul, 1850



P. mediterranea, Reserva Natural do Caraça



UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Alçaçuz é o nome originalmente atribuído à espécie *Glycyrrhiza glabra*, planta nativa da Europa e que não ocorre no Brasil. A *G. glabra* contém saponinas nas suas raízes, as quais são usadas como edulcorante. Em Minas Gerais, algumas espécies de *Periandra* também são adocicadas e recebem o nome de alçaçuz.

Suttisri e cols. Phytochem. (1993) 34(2): 405-8.

ALECRIM-DO-CAMPO

Nome Científico: *Baccharis dracunculifolia* DC.

Família: ASTERACEAE

“Num trecho de cerca de 12 léguas da região é bastante semelhante à que acabamos de atravessar antes de chegar a São Paulo, vindo de Goiás. As terras ainda se mostram agradavelmente entremeadas de campos e grupos de árvores baixas, onde predominam as Mirtáceas, a Anacardiácea denominada aroeira (*Schinus*). O *Baccharis*, tão comum vulgarmente chamado **alecrim-do-campo**, etc. Trechos de considerável extensão mostram-se cobertos pela barba-de-bode (*Chaetaria pallens*, var. *y*, Nees), gramínea que cresce em tufos e é encontrada em diversos pontos elevados da parte meridional de Minas Gerais.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem à Província de São Paulo, 1830



B. dracunculifolia, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



UFSJ

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O alecrim-do-campo é uma planta melífera e muito visitada pelas abelhas, que dela retiram resinas para a preparação da própolis. Estudo recente confirmou sua atividade anti-inflamatória e antinociceptiva em estudos em animais.

Dos Santos e cols. J. Ethnopharmacol. (2010) 127(2):543-50

ALGODOEIRO

Nome Científico: *Gossypium barbadense* L.

Família: MALVACEAE

Outro nome popular: algodão

“*Gossypium*. **Algodão.** É cultivado em roças com o milho e outras plantas; também em hortas. 4 a 6 sementes são colocadas na mesma cova. A colheita se faz no primeiro tempo de seca quando foi semeada no começo das chuvas. As plantas são em seguida cortadas, mas brotam de novo e dão nova colheita no ano seguinte. Quando as plantas têm 2 a 3 anos perdem a sua força e muitas morrem: outras, porém, vivem até 5 a 6 anos. Distinguem-se de varias formas (de seda de maranhão, herbáceo, etc.) que talvez em parte sejam espécies distintas.”

E. Warming
Lagoa Santa, 1892



Gossypium sp., Santa Bárbara



UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O algodoeiro já foi objeto de vários estudos científicos, mas poucos visando verificar seus efeitos farmacológicos. Um estudo interessante demonstrou a capacidade do gossipol, substância presente no óleo da semente, em inibir a multiplicação desordenada de células, o que poderia levar ao câncer.

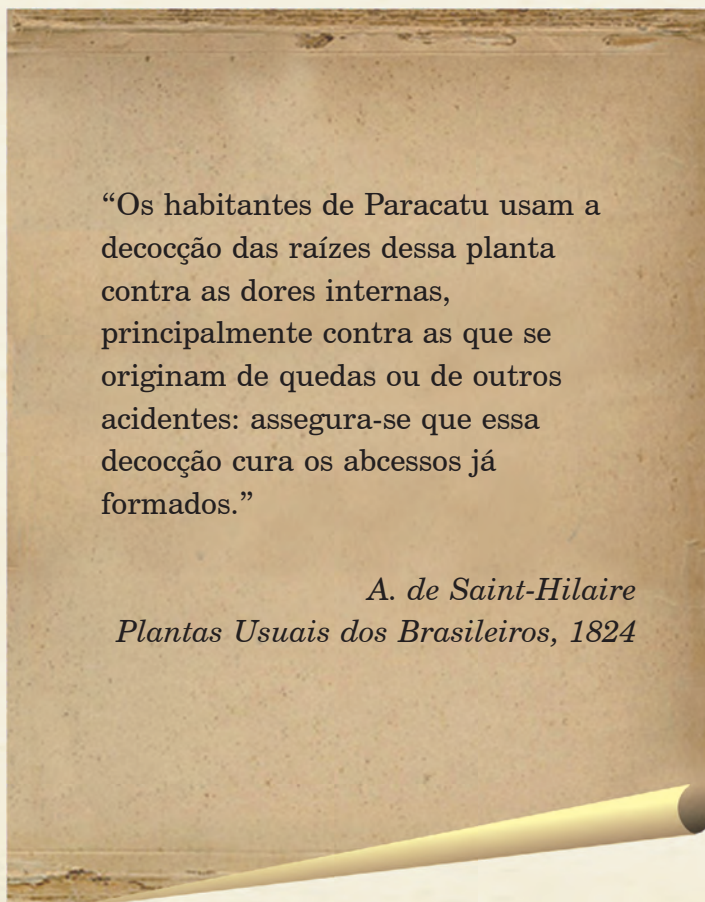
Badria e cols. Pharm Biol. (2001) 39(2): 120-126.

ALGODÃOZINHO-DO-CAMPO

Nome Científico: *Cochlospermum regium*
(Schrack) Pilg.

Família: BIXACEAE

Outro nome popular: Butua-do-curvo



Cochlospermum sp., Curvelo



Coletada por
A. Saint-Hilaire, MNHN Paris

Noté à 2042. Eau d'égoutte coloré se compose de très nombreuses des
insectes ^{deux} plus petits. Les plus petits obtenus dans une collection
5. petits allent avec les dimensions du corps grande, corporeux, en
pas concave, comme pontons de voyage. Et. tr. - nombreux et plus
jeunes se trouvent à l'extrémité de la queue et sont plus petits. Noté à
Style glabre, pour se rendre plus terminal à la sup. surmonte
brachyle. Osseux ovales, plus petits, de 3 lvs. polygones, tout-à-
à leur base la division se ramifiant mince. Dans la partie de leur
Ensemble, le style est une impaire intermédiaire à l'osseux joint-à-
taille, en les ovules attachés à 3 places de base et de grande à
l'opposite de 3 plus. Similitudineux un peu s'échappent au-dessus. Les
tiges sont simples. Les feuilles sont ovales, ovales et stipules subuln
caduques elles sont presque toujours tombées quand la plante fleurit
N. 7. Botana do corpo. On fait usage de la division du corps
entre les ovules, intermédiaires principalement elles qui sont le contact et
autres ou autres autres. On observe que cette division, quant la base est
commune (P. 2042) et on observe que l'osseux du staminal, elle p
2042. 2042.

Cadernos de campo, "NV Butua do curvo."

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

ANGICO

Nome Científico: *Anadenanthera colubrina*
(Vell.) Brenan

Família: FABACEAE – MIMOSOIDEAE

“Manoel Moreira tem muito **angico** em suas matas. Sua ocupação principal é o curtume de couro de correias. O procedimento é mais ou menos o seguinte: As peles, que ele manda comprar (dos seus irmãos) por atacado nos arredores de sua propriedade, são cortadas ao meio no sentido do comprimento, para facilitar seu transporte em lombo de burros. São colocadas, então, primeiramente em uma lixívia de cal e cinzas, na seguinte proporção: para cada 20 metades ou 10 peles inteiras, $\frac{1}{4}$ alqueire de cal e $\frac{1}{2}$ alqueire de cinzas, dependendo da consistência desta – forte ou fraca. As peles ficam nessa lixívia por cerca de 20 dias, para facilitar a remoção de seu pêlo. Findo esse período, elas são colocadas sobre uma árvore cujos galhos caem sobre um riacho, e ali raspam-se todos os seus pêlos com uma vara curva de madeira ou com uma faca, para que fiquem não só limpas como também brancas.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825



À esquerda, *A. colubrina*,
Parque Santo Antônio,
Andrelândia;
à direita, acima, resina no tronco;
à direita, abaixo, coletada
em Belo Horizonte, UFMG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos confirmaram que as cascas e a resina do angico têm efeito cicatrizante e anti-inflamatório, devido à presença de taninos e flavonoides.

Gorin e cols. *Ins Carb Struc Biol Funct.* (2006) 175-196.

Monteiro e cols. *Rev Bras Farmacog.* (2006) 16(3): 338-344.

ARAÇAZEIRO

Nome Científico: *Psidium rufum* DC.

Família: MYRTACEAE

Outro nome popular: araçá

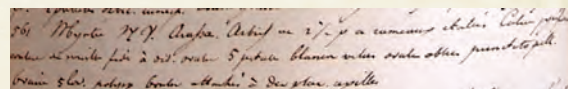
“MINAS GERAIS – VIAGEM A VILA RICA E MARIANA. Achamos o solo extraordinariamente fértil nas poucas primeiras milhas de nosso avanço, bem recoberto com aquilo a que poderíamos chamar de grama nativa, ou bem como **araçá**, arbusto pequeno, atualmente florescido, cuja raiz contém um suco de agradável paladar, principalmente para o viajante sedento. O dia estivera excepcionalmente desfavorável, com alguma chuva, tal como os de abril na Inglaterra; quando no litoral, por muitos anos a fio, não ouvira vento tão barulhento nem o sentira tão asperamente frígido. Vinha do Nordeste.”

J. Luccock

Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, 1820



P. rufum, Curvelo



Cadernos de campo, “NV Arassa”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

ARATICUM

Nome Científico: *Annona* spp.

Família: ANNONACEAE

“Não descreverei aqui todas as espécies do Araticu que pedem a atenção dos brasileiros; contentar-me-ei em indicar uma. Quando se tiver plantado a *Annona sylvatica* numa terra escolhida, seu fruto já muito agradável adquirirá mais sabor; não duvido tampouco que se obtenha boas variedades por sementeiras, e é de crer que a tornaríamos melhor ainda tentando enxertos sobre a *Annona squamosa* ou sobre a *Annona reticulata*. Não é apenas por seu fruto que a *Annona sylvatica* pode se tornar útil: a madeira dessa árvore é branca e inteiramente compacta, suave e leve. Seria pois muito própria aos trabalhos de escultura, e substituiria com vantagem o Tilleul d’Europe. Se, como parece provável, se estabelecesse no Brasil manufaturas indígenas, fariam bem dar a preferência à madeira da *Annona sylvatica*, para fazer as pranchas de impressão.”

J. Luccock

Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, 1820



Diferentes tipos de *Araticuns* sp., Curvelo



Coletadas por E. warming em Lagoa Santa, MNHN Paris.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os araticuns são ricos em substâncias antioxidantes, que são capazes de prevenir várias doenças. Estudos demonstraram também atividade antibacteriana e citotóxica de substâncias dessas plantas.

Roesler e cols. Cien Tec Alim. (2007) 27(1): 53-60.

Takahashi e cols. Nat Prod Res. (2006) 20(1): 21-26.

ARNICA

Nome Científico: *Lychnophora pinaster* Mart.

Família: ASTERACEAE

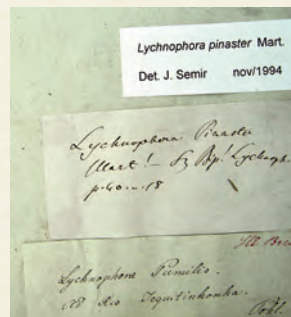
Outro nome popular: candeia

“DE SÃO ROMÃO AO DISTRITO DOS DIAMANTES. Depois de duas léguas e meia de viagem, paramos no meio do dia em sítio sombreado, ao pé de um arroio, em frente a um outerinho redondo e coberto de *Lychnophora pinaster*, muito semelhante ao abeto escocês, e de uma grande espécie de lírio.”

G. Gardner
Viagem ao interior do Brasil, 1846



L. pinaster, Ouro Preto (Crédito M.C. Messias)



Coletada por J.E. Pohl, MHN Viena

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Arnica é o nome popular atribuído à espécie *Arnica montana*, planta nativa da Europa e que não ocorre no Brasil. A *A. montana* é muito estudada sob o ponto de vista farmacológico e os estudos confirmaram seu efeito no tratamento de equimoses e contusões. No Brasil, outras plantas recebem também o nome popular de arnica, como algumas espécies de *Solidago* e *Lychnophora*. A *Lychnophora pinaster* é uma das arnicas mais usadas na medicina popular em Minas Gerais e estudos vêm confirmando seu efeito como anti-inflamatório tópico. Infelizmente, a coleta exagerada dessas arnicas tem levado ao seu esgotamento e algumas espécies já vem sendo consideradas em perigo de extinção pelo IBAMA.

Guzzo e cols. J Ethnopharmacol. (2008) 116(1): 120-4.

AROEIRA

Nome Científico: *Schinus terebinthifolius* Raddi

Família: ANACARDIACEAE

Outros nomes populares: corneiba, tupinico, capicuru

“A árvore mais valiosa, a rainha dos cerrados, é a **aroeira** (*Schinus terebinthifolius* ou *Schinus molle*); sua madeira duríssima, resiste admiravelmente ao tempo e fica muito bonita quando envernizada. As folhas são usadas como, epispásticos, a decocção serve para aliviar o reumatismo e outras enfermidades, e a resina, esfregada em seus cachos de frutas vermelhas, é agradável, mas os habitantes da região a evitam. Dizem que quem dorme à sombra da **aroeira** apanha tumores nas juntas, e as pessoas muito sensíveis que passam perto da árvore sofrem inchação no rosto- isso aconteceu à esposa de um dos meus amigos de São Paulo*. Ao contrário do que se dá nas terras de matas de verdadeiras, nas regiões da Serra e do Mato Dentro, as árvores têm, em sua maioria, folhas decíduas, e, quando estas caem, o seu aspecto é de desagradável nudez.

* Os índios usavam o suco verde dos ramos novos para moléstias dos olhos.”

R. Burton
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869



S. terebinthifolius, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



Coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os óleos essenciais presentes na planta apresentaram efeito antioxidante e fungicida. Substâncias polifenólicas purificadas da planta induziram apoptose em células tumorais *in vitro*, indicando serem potenciais anticancerígenos. Outros extratos induziram mutagênese em células normais.

Moustafa e cols. Intern J Essent Oil Therap. (2007) 1(2): 91-95.

Queires e cols. Anticancer Res. (2006) 26(1A): 379-387.

Dantas e cols. Environ Mol Mutag. (2003) 42(3): 185-191.

ÁRVORE-DO-SABÃO

Nome Científico: *Sapindus saponaria* L.

Família: SAPINDACEAE

Outro nome popular: saboneteira, sabonete-de-sabará

“Nesta região crescem também muitas **árvores-do-sabão** (*Sapindus saponaria*), cujos frutos são levados em quantidade para a cidade. A classe mais pobre do povo emprega-os em lugar do sabão, visto que o sabão fino, importado em grande parte da América do Norte, está incluído entre os artigos caros de economia doméstica. Em muitos anos, uma só dessas árvores, em geral do tamanho da nossa nogueira, dá muitos alqueires de frutos, conhecidos pela quantidade de mucilagem saponácea que contem.”

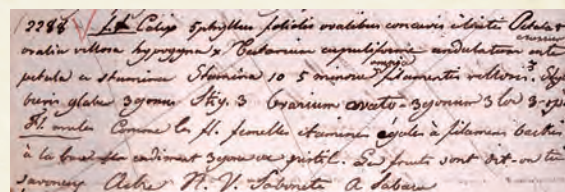
J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823



S. saponaria, MHNJB - UFMG, Belo Horizonte



Coletada em
Mariana, UFOP



Cadernos de campo, “NV Sabonete a Sabará”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos *in vitro* mostraram efeito da planta como fungicida e moluscicida.

Albiero e cols. Acta Farm Bonaer. (2001) 20(3): 169-171.

Ribeiro e cols. Int J Pharmacog. (1995) 33(3): 177-80.

ASSA-PEIXE

Nome Científico: *Vernonia polyanthes* Less.

Família: ASTERACEAE

“A vassoura (*Sida lanceolata*) que produz álcalis e se parece com a tasneira, é muito usada como emoliente, em infusão ou decocção; o **assa-peixe** branco, uma das Compostas, tem efeito semelhante ao da camomila; o aromático velame-do-campo (*Croton fulvus* ou *C. campestris*) é um sudorífero e dissolvente conhecido de todos. Entre os arbustos, há muitas espécies selvagens de ipecacunha chamada poaia (*Cephaelis ipecacuanha*); a labiada chamada, em virtude de sua forma, cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia* Mart.), um poderoso narcótico; a Composta carqueja (*Baccharis, Nardum rusticum*, Mart.), de folhas triangulares alongadas e bagas esbranquiçadas nos ângulos, tônico amargo, aromático e antifebril, muito usado na fabricação da cerveja teuto-brasileira.”

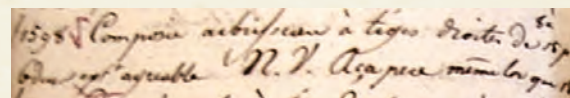
R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



V. polyanthes, Corinto



Cadernos de
campo,
“NV Açapecé”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito antiúlcera gástrica e diurética em testes em animais.

Barbastefano e cols. Fitoterapia (2007) 78: 545-551.

Romanezi e cols. Phytomed. (2003) 10: 127-131.

AZEDINHA

Nome Científico: *Oxalis cordata* A. St.-Hil.

Família: OXALIDACEAE

Outros nomes populares: frero, trevo

“Todo mundo sabe que as folhas de um grande número de *Oxalis* são dotadas de uma acidez da qual a medicina pode tirar partido. Essa qualidade não escapou aos brasileiros, pois eles empregam com razão o *Oxalis* nas febres atáxicas (malinas). Sente-se que é impossível que as numerosas espécies que crescem no Brasil não tenham sido confundidas; que, apresentando as mesmas virtudes, estas não tenham sido aplicadas indiferentemente aos mesmos usos, e que, conseqüentemente, o nome vulgar **Azedinha**, que deve significar justamente pequena planta ácida, não tenha se tornado uma espécie de nome genérico. Nós nos contentaremos em descrever aqui três espécies, o *Oxalis repens* que é particularmente empregado no distrito dos Diamantes, não somente com o nome de **Azedinha**, mas ainda com o nome de **Frero** (**trevo**); o *Oxalis fulva*, cujas folhas são de uma extrema acidez; enfim, o *Oxalis cordata*, no qual não tentamos pesquisar essa qualidade, mas que interessará aos botânicos pela forma particular de suas folhas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos brasileiros, 1824



O. cordata, Curvelo



Amostra-tipo, coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris



Desenho feito a partir da amostra-tipo, “Plantas Usuais dos Brasileiros”, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

BARBATIMÃO

Nome Científico: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville

Família: FABACEAE - MIMOSOIDEAE

Outro nome popular: barba-de-timão

“Tão logo deixamos a fazenda e subimos uma pequena colina, chegamos à estrada que vai de Lagoa Santa a Curvelo e Tijuco. Meia légua adiante, passando por um caminho relativamente plano, alcançamos um pequeno arraial denominado Quinta, em cujas terras, pouco a pouco, várias pessoas foram se fixando (terras pertencentes à Coroa e ainda não cedidas). A região parecia ser bastante seca; não havia nem riacho nem sinal de água. Havia um pequeno bosque de árvores atrofiadas pelo vento; era, na verdade, novamente a capoeira de campos. Várias árvores floresciaam como o **barbatimão** (para curtição), muitas Malvaceae, Euphorbiaceae e outras. Em função da seca prolongada (não chovia, embora fosse a estação das chuvas) e dos vestígios ainda frescos de uma queimada recente, a coleta botânica não foi muito farta.”

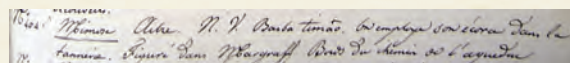
Langsdorff
Diários, 1824-1825



S. adstringens, Casa Grande



À esquerda, coletada por J.E. Pohl, MHN Viena; acima cascas comercializadas em Três Corações



Cadernos de campo, “NV Barba timão”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos com as cascas confirmaram suas ações como fungicida e cicatrizante. Esses efeitos são devidos à presença de taninos em elevada concentração.

Ishida e cols. J Antimicrob Chemother. (2006) 58(5): 942-949.

Martins e cols. Phytother Res. (2002) 16(5): 427-31.

BIGNONIA

Nome Científico: *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers.

Sinônimo: *Bignonia venusta* Ker Gaul.

Família: BIGNONIACEAE

Outro nome popular: cipó-de-são-jão

“A Serra de Ouro Branco, uma comprida montanha retilínea de considerável altura, com uma face muito íngreme, erguia-se diante de nós, formando um ponto de destaque no panorama: a aldeia do mesmo nome fica situada perto do pé da montanha, na região descampada, 3.224 pés franceses acima do nível do mar (mapa de Von Eschwege). Um estreito vale coberto de mato, correndo ao longo do pé da serra, a separa da planície e em muitos pontos o mato vai até bem alto na encosta da montanha, mas é baixo comparado com as florestas da costa. Uma linda *Bignonia* (*Bignonia venusta*) que depois verifiquei ser muito comum na região das minas, nasce abundantemente nestas matas, subindo por cima dos arbustos e árvores baixas e ornando-as com suntuosos molhos de flores cor de laranja, muito viva.”

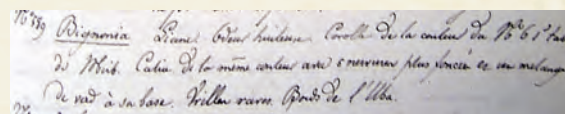
C.J.F. Bunbury
Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835



P. venusta, Reserva Natural do Caraça (Crédito Pe. Lauro Palu)



UFSJ



Cadernos de campo

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

BURITI

Nome Científico: *Mauritia flexuosa* L.f.

Sinônimo: *Mauritia vinifera* Mart.

Família: ARECACEAE

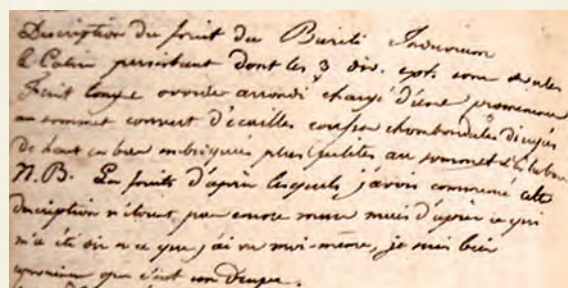
Outros nomes populares: murici, palmeira-buriti, burity, bruti, muricky

“DO RIO SÃO FRANCISCO AO RIO PARANAÍBA. A 16, fizemos uma marcha ainda mais longa do que na véspera. Encontramos neste dia a bela palmeira **buriti** (*Mauritia vinifera*), cujas folhas, semelhantes a um vasto leque, têm muitas vezes 3 metros de diâmetro. Os pecíolos destas folhas servem, entre os habitantes, para fazer rolhas. A viagem deste dia foi mais fatigante para nós do que as outras, por termos encontrado muitos atoleiros cobertos de mato, nos quais afundavam os cavalos, com tanto risco para eles, como para nós próprios. Esses pequenos acidentes fizeram os nossos animais tão medrosos, que só a custa das esporas era possível fazê-los andar para a frente. Nas partes mais altas da estrada, que aliás é bastante plana, vêem-se gangas, que repousam provavelmente sobre grés itacolumítico. A direção geral da estrada é primeiro para oeste e depois para sudoeste.”

F. Castelnau
Expedição às regiões centrais
da América do Sul, 1850



M. flexuosa, Itacarambi



Cadernos de campo, descrição do fruto do Buriti

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os frutos apresentaram atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*. O óleo obtido do coco vem sendo estudado para verificar seu potencial na proteção contra raios UV e utilidade para a preparação de cosméticos, pois ele é rico em vitamina A.

Zanatta e cols. Food and Chem Toxicol. (2010) 48: 70-75.

Silveira e cols. Rev Bras Farmacog. (2005) 15(2): 143-148.

Godoy e cols. 1995 Arq Biol Tecnol. 38(1): 109-20.

BÚTUA

Nome científico: *Chondrodendron platiphyllum* (A. St.-Hil.) Miers

Família: MENISPERMACEAE

Outros nomes populares: butua, caapeba.

“Essa planta é empregada pelos brasileiros no tratamento das febres intermitentes; eles a consideram também como um poderoso medicamento específico contra as doenças do fígado. Suas virtudes, assim como as do *Cocculus cinerascens* Aug. St.-Hil., que recebe o nome vulgar de **Butua**, são extremamente louvadas no Brasil, e parece que isso se deve aos princípios amargos e tônicos que esses vegetais encerram. Propriedades análogas já foram assinaladas nas raízes do *Cocculus palmatus* DC. (o columbo das matérias médicas), dos *Cissampelos ovalifolia* DC. e na *pareira* Linn. (a pareira brava das matérias médicas), e nas raízes de várias outras plantas da família das Menispermáceas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



C. platiphyllum, Serro



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos em animais mostrou o potencial de extratos da planta em impedir a evolução de úlceras gástricas. As raízes apresentaram atividade anti-inflamatória.

Amresh e cols. *Nutrit Res.* (2007) 27: 625-632.

Amresh e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 110: 526-531.

CAGAITEIRA

Nome Científico: *Eugenia dysenterica* DC.

Família: MYRTACEAE

“Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira. Além dessas, notei sambaíba (*Curatella sambaiba*), também escrita “sambaúba” de frutos desvaliosos, folhas duras, usadas para escovar panos e uma casca adstringente, boa para curtume e para tratamento de feridas; produz o efeito do iodo, curando inflamações crônicas. Outra árvore comum é a **cagaitera** (*Eugenia dysenterica*), um nome bem deselegante, mas uma bela planta, com flores alvas e folha que produz leite; o fruto, semelhante a um morango; a cagaita, é um purgativo muito forte.”

R. Burton

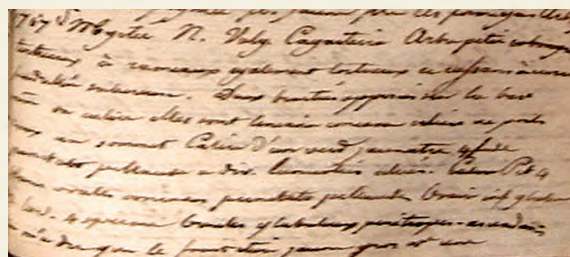
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869



E. dysenterica, Curvelo



MNHN Paris



Cadernos de campo, “N. Vulg Cagaitera”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A cagaita é muito rica em vitamina A. As folhas apresentam efeito antioxidante e antifúngico. Roesler e cols. Cien Tec Alim (2007) 27(1): 53-60. Costa e cols J. Ethnopharmacol. (2000) 72 (1,2): 111-117.

CAINCA

Nome Científico: *Chiococca alba* (L.) Hitchc.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: raiz-preta, cipó-cruz, raiz-fedorenta, cruzadinha

“Remédios são necessários. Assim que os moradores do lugar souberam que eu havia trazido remédios e que possuía alguns conhecimentos médicos, logo ganhei uma clientela, que só não foi maior porque meu tempo era curto para atender a todas as solicitações. A esse respeito, permitam-me relatar, bem resumidamente, os fatos mais importantes da minha experiência de poucos dias. Um grande número de crianças sofre de verminose. Ministrei-lhes alho com leite, para uso interno, e, como clister, purgante com um pouco de calomelano, e logo elas eliminaram os vermes. Uma jovem com idade entre 22 e 24 anos sofria há meses de obstrução menstrual. Querendo experimentar um novo remédio, a **cainca**, e também porque não dispunha de outro emenagogo forte, dei-lhe, uma noite, a raiz **cainca**, **raiz-preta**, **cipó-cruz**, **cruzadinha**, que aqui é chamada de poaia. Inesperadamente, apenas dois dias depois, recebi, surpreso, a notícia de que as regras haviam voltado e de que a minha paciente estava melhor, livre dos espasmos nervosos e das dores.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825



Chiococca sp., Catas Altas



Acima, amostra coletada em Curvelo;
à direita, MNHN Paris



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As espécies *C. alba* e *C. brachiata* não contam com estudos farmacológicos publicados recentemente. Uma patente para produto usado como tônico, e para eliminar toxinas do organismo, foi pedida no estrangeiro.

Rigby U.S. Pat. Appl. Publ. 2003.

CAJUEIRO

Nome Científico: *Anacardium occidentale* L.

Família: ANACARDIACEAE

Outros nomes populares: acaju, caju

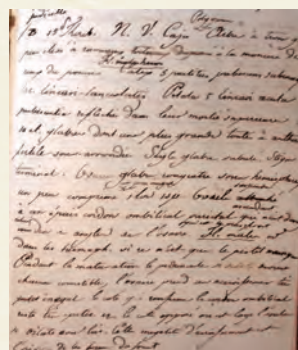
“O **caju** ou **cajueiro** (*Anacardium occidentale*) cresce em estado silvestre em muitos lugares secos e descampados, e em algumas das ilhas da baía. Não posso compreender porque Saint-Hilaire não quis admitir que esta árvore fosse originária do Brasil. Ela foi notada pelos primeiros colonos europeus nesta costa e era bem conhecida dos aborígenes, que preparavam uma bebida inebriante de seus frutos. Isto parece uma prova assaz evidente de que era indígena. O cajueiro, segundo Southey, foi observado nas costas do Brasil pelos primeiros colonos europeus, e era bem conhecido dos primitivos habitantes, que de sua fruta preparavam uma bebida inebriante. Isto parece mostrar bem claramente que ele era indígena.”

C.J.F. Bunbury

*Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835*



A. occidentale, Brasília de Minas



Cadernos de campo, “N.V. Caju”



Coletada em Januária, UFMG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas do tronco do cajueiro são ricas em taninos, substâncias anti-inflamatórias e cicatrizantes. Pesquisas recentes mostraram também que a membrana que reveste a castanha do caju contém uma substância que inibe o crescimento de micro-organismos causadores da cárie.

Green e cols. Eur J Med Chem. (2008) 43(6): 1315-1320.

CAJUZINHO-DO-CAMPO

Nome Científico: *Anacardium humile* A. St.-Hil.

Família: ANACARDIACEAE

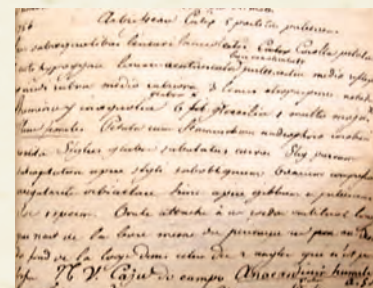
Outros nomes populares: cajueiro-nanico, caju-rasteiro

“É claro que a descrição anterior é a de um cerrado. As espécies o identificam: o barbatimão é *Stryphnodendron barbadetima* (Leguminosa); o pequi é *Caryocar brasiliensis* (Cariocaracea); a sambaíba ou lixeira é *Curatella americana* (Dileniacea); a cagaiteira (*Eugenia dysenterica*) é da família das Mirtáceas; a salsaparrilha é um *Smilax* (Esmilacacea). Pataror grão-de-galo, não sei que espécies são. Tingui deve ser *Magonia pubescens* (Leguminosa) e sucupira é *Bowdichia virgilioides* (Leguminosa). Quanto ao caju mais frequente nesse tipo de vegetação, trata-se de *Anacardium humilum* que não é uma árvore (**caju-do-campo**). Enumerei, entretanto, arbóreo (*Anacardium occidentale*) em certos tabuleiros do Nordeste.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



A. humile, Morada Nova, Lassance



Amostra coletada por A. de Saint-Hilaire e primeira descrição da planta nos cadernos de campo, “N.V. Caju do campo”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O óleo extraído das folhas apresentaram atividade larvicida contra o mosquito *Aedes aegypti*. Já os extratos tem atividade antiúlceras gástrica.

Porto e cols. Rev Soc Bras Med Trop. (2008) 41 (6): 7-12.
Ferreira e cols. Fitoterapia (2008) 79: 207-209.

CAMARÁ

Nome Científico: *Lantana camara* L.

Família: VERBENACEAE

“As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: ...
camará (*Lantana* div. Esp.)...”

J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823

“Com este nome designam no Brazil algumas planta do gênero *Lantana* (Verbenaceae) taes como a *L. camara*, *aculeata*, *involucrata*, *brasiliensis*, que possuem flores e folhas aromáticas, e se empregam em banhos contra reumatismo”

PL.N. Chernoviz
Formulário e Guia Médico, 1841



L. camara, Catas Altas e Ouro Preto



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem controvérsias quanto à origem do camará, pois esta planta ocorre em várias partes do mundo; ela vem sendo estudada em vários países. Estudo recente em animais mostrou a capacidade de extratos das folhas em cicatrizar feridas. Outro estudo evidenciou a atividade de flavonoides da planta em inibir a micobactéria.

Nayak e cols. *Phytother Res.* (2009) 23: 241-5.

Begum e cols. *Nat Prod Res.* (2008) 22(6): 467-70.

CANA-DE-MACACO

Nome Científico: *Costus spiralis* (Jacq.)

Roscoe

Família: ZINGIBERACEAE

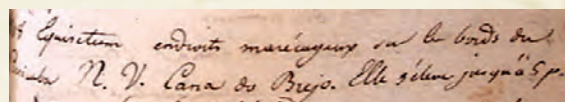
Outro nome popular: caninha-do-brejo, cana-do-brejo

“As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: ... **cana-de-macaco** (*Costus spiralis*, *cylindrices* anachiri, Jacq. etc.) ..”

J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823



C. spiralis, Barão de cocais



Cadernos de campo, "N.V. Cana do Brejo"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta não conta com estudos farmacológicos recentes. Produto preparado com as raízes foram patenteados por japoneses como estimulador do crescimento de cabelos e tecidos.

Uchiyama & Shimizu. Jpn. Kokai Tokkyo Koho (2001), 22 pp.

CANELA-DE-EMA

Nome Científico: *Vellozia* spp.

Família: VELLOZIACEAE

“Enquanto subia a Serra do Ouro Branco, que é excessivamente íngreme desse lado, vi pela primeira vez aquelas curiosas plantas chamadas *Vellozias*, que parecem pertencer particularmente a essa espécie de rocha; suas hastes ásperas e escamosas, com três a cinco pés de altura, são repetidamente bifurcadas e cada galho é terminado por um tufo de folhas pontudas e retas, muito parecidas com as *Yucca* ou Adam’s Needle (*Yucca filamentosa*). Aliás a aparência geral desta planta é a da mandioca, com uma haste bifurcada. Nunca as vi em florescência. (...) Do alto tive uma vista ampla sobre os campos que tinha atravessado durante a semana passada, mas na direção oposta a vista é muito mais limitada, não se vendo senão imensas colinas verdes, através das quais se estende o nosso caminho para Vila Rica.”

C.J.F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



Acima, *Vellozia* sp.,
Serra de Catas Altas;
à esquerda, MNHN
Paris; abaixo,
cadernos de campo
de A. de Saint-
Hilaire, “Canella
d’Hema”

by J. Bonifácio
Expo. de Canella d'Hema
St. Hilaire. nome da

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

CAPEBA

Nomes Científicos: *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq.

Sinônimo: *Piper umbellatum* L.

Família: PIPERACEAE

Outros nomes populares: pariparoba, caapeba, periparoba

“As matas conservaram-se muito espessas e exuberantes em todo o percurso até o Paraíba, e viajando-se através delas ouve-se às vezes o palrar dos papagaios e o alto canto metálico das arapongas. A **Caapeba**, uma pimenteira arbustiforme* com folhas redondas extraordinariamente grandes, é muito comum em todo esse trecho da floresta. **Piper umbellatum* L.”

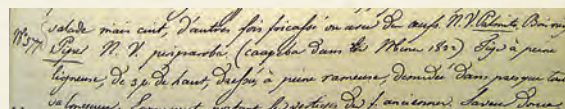
C. J. F. Bunburry
Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835



P. umbellata, MHNJB-UFMG, Belo Horizonte



UFOP



Cadernos de campo, “N.V. pariparoba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A capeba vem sendo objeto de muitos estudos. Vários deles confirmaram a ação citotóxica, antioxidante, antitumoral, antimicrobiana, anti-inflamatória, analgésica e protetora solar de extratos da planta.

Sacoman e cols. Braz J Med Biol Res (2008) 41(5): 411-5.

Perazzo e cols. J Ethnopharmacol. (2005) 99(2): 215-20.

Ropke e cols. Clin Exp Dermatol. (2005) 30(3): 272-6.

Ropke e cols. 2003 Photochem Photobiol. (2003) 78(5): 436-439.

Isobe e cols. Yakugaku Zasshi. (2000) 122(4): 291-294.

CARAPIÁ

Nome Científico: *Dorstenia* spp.

Família: MORACEAE

Outros nomes populares: caapiá, caá-piá-de-pisão, contra-erva, caiapiá, piã

“Em sua maior parte, os arbustos e plantas menores são medicinais, e o povo está bem a par de sua utilidade. Além da *Cinchona* há o **carapiá***, muito bom para as dores no peito, que perfuma o ar, do mesmo modo que o saudável alecrim-do-campo (*Lantana microphylla*, Mart.), uma labiada.”

*Corruptela de **caa-pia** ou **piã** (coração, fígado), uma Morácea.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro a Morro
Velho, 1869



Dorstenia sp., Lassance



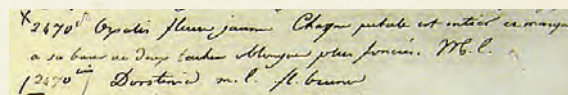
Raízes comercializadas



Bernadino A. Gomes,
1790-1801



Coletada em
Minas Gerais por
A. de Saint Hilaire,
MNHN Paris



Cadernos de campo, “Dorstenia”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

CAROBA

Nome Científico: *Jacaranda caroba* (Vell.)
A. DC.

Família: BIGNONIACEAE

“As folhas deste arbusto, produzido nas províncias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, são dotadas de uma notável acrimônia, e elogiadas como remédio da mais alta virtude na syphillis inveterada, dores rheumaticas e inchação dos membros, provenientes de resfriamento e a que os habitants chamam corrimentos, na dyspepsia e para o estado de asthenia (debilidade, frouxidão) geral, proveniente de dyscrasia (constituição arruinada). Prescreve-se a infusão em pequena dose, com xarope aromático ou canella; em dose maior, causa violentas cólicas, copiosas dejeções e vômitos. Também é recomendável a tintura alcololica.”

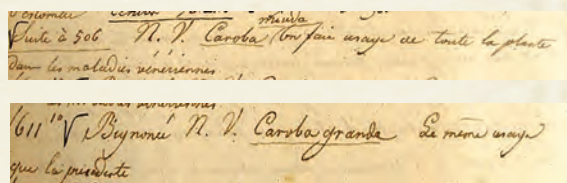
C.F.P. von Martius
Sistema de Matéria Medica Vegetal
Brasileira, 1824



J. caroba, Reserva Natural do Caraça



MNHN Paris



Cadernos de campo: “N.V. Caroba” e “N.V. Caroba grande”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

CARQUEJA-AMARGA

Nomes Científicos: *Baccharis trimera* (Less.) DC., *Baccharis genistelloides* (Lam.) Pers.

Família: ASTERACEAE

Outros nomes populares: carqueja-amargosa, quina-de-condaime

“A *Baccharis trimera*, de De Candolle, (*B. genistelloides*, de muitos autores), é uma planta muito comum ao lado dos caminhos através de toda a região florestal, e igualmente assim nas colinas descampadas no distrito das minas de ouro, especialmente em volta de Gongo Soco. Seu aspecto é muito singular; não tem folhas, porém, o caule e os galhos são orlados em todo o seu comprimento com três largos e chatos desabrochamentos ou asas, da contextura e cor de folhas. É excessivamente amarga, e muito usada em medicina (especialmente como remédio para cavalos) pelos brasileiros, que a chamam de **Carqueja**.”

C.J.F. Bunburry

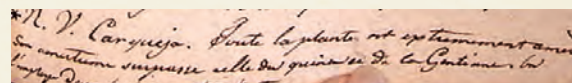
*Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835*



B. trimera, Itabirito e Itambé do Mato Dentro



Coletada por
A. de Saint Hilaire,
MNHN Paris



Cadernos de campo, “N.V. Carqueja”. Toda a planta é extremamente amarga, e ultrapassa a quina de Genciana. Empregam-se contra as febres intermitentes.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A carqueja tem sido objeto de inúmeros estudos que confirmaram seu efeito como antiviral, anti-artrítica, protetora gástrica e hipotensora.

Abad e cols. Curr Top Phytochem. (2004) 6:113-123.

Felzenswalb & Sabino. Toxicol Lett. (2004) 154(1-2): 69-80.

Gonzáles e cols. J Ethnopharmacol. (2000) 70(3): 329-333.

Torres e cols. Phytochem. (2000) 55(6): 617-619.

CASCA D'ANTA

Nome Científico: *Drimys winteri* J. R. Forst. & G. Forst.

Sinônimo: *Drimys granatensis* Mutis ex L. f.

Família: WINTERACEAE

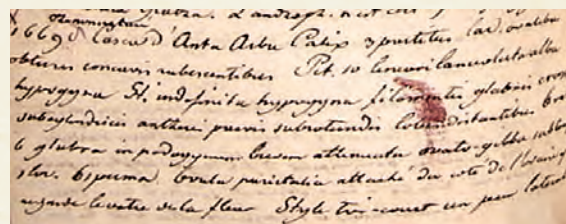
Outro nome popular: Casca-de-anta

“O nome vulgar dessa planta é **Casca d’Anta**. Esse nome lhe foi dado, dizem os brasileiros, porque o animal anta, segundo eles, por causa de frequentes cólicas, arranca para se curar a casca das Drímis, e revelou assim aos homens as virtudes desse vegetal. Qualquer que seja essa tradição, provavelmente fabulosa, a *Drymis Granatensis* ou Casca d’Anta é atualmente um remédio muito apreciado pelos habitantes do interior do Brasil, e do qual fazem em geral muito uso. Um sabor aromático e fortemente estimulante caracteriza a casca e mesmo as folhas da Drímis, e em consequência, os brasileiros fazem um feliz uso das propriedades dessa planta empregando-a como tônico para curar das cólicas e dos males de estômago.”

Auguste de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



D. winteri, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



Cadernos de campo, “Casca d’Anta”



À esquerda, amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris;
à direita, UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém um sesquiterpeno chamado poligodial, cujos efeitos como anti-inflamatório, antialérgico e analgésico foram confirmados.

Cunha e cols. Life Sci. (2001) 70(2): 159-169.

Mendes e cols. J. Pharm Exper Ther. (2000) 292(1): 164-172

CHÁ-DE-PEDESTRE

Nome Científico: *Lippia* spp.

Família: VERBENACEAE

Outros nomes populares: chá-de-frade, chá-falso, capitão-do-mato, camará

“Não deixei Tapanhuacanga sem ir herborizar nas montanhas denominadas Serra da Candonga que dominam a povoação pelo lado de oeste. Após atravessar o pequeno vale em que corre o Riacho do Arraial de Baixo, transpus uma capoeira muito cerrada, depois penetrei em uma mata virgem e cheguei as montanhas onde grandes rochedos quartzosos se mostram a descoberto. Encontrei aí Melastomáceas e várias espécies de Utriculária sem folhas; a planta, porém, que mais merecia minha atenção era uma **camará** (*Lantana pseudothea*, N.), que se conhece no local pelo nome de **capitão-do-mato** ou **chá-de-pedestre**. Essa espécie, muito aromática, tem folhas viscosas; secam-se estas, e seu decocto fornece uma bebida extremamente agradável que eu preferia ao chá e que, com um sabor muito mais pronunciado, não tinha, sem dúvida, os mesmos inconvenientes.”

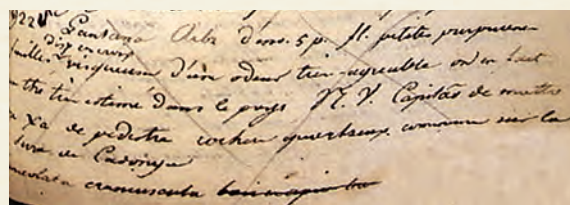
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro
e Minas Gerais, 1830



Lippia sp., Curvelo



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris;
desenho feito a partir da amostra-tipo,
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Cadernos de campo, “NV Capitão do mato”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

COCO-DE-PURGA

Nome Científico: *Joannesia princeps* Vell.

Família: EUPHORBIACEAE

Outros nomes populares: andaiacu, purga-dos-paulistas, fruta-de-arara, anda-açu, indaiacú, purga-de-gentio, cutieira, andaaçu, anda, indaiá-açu

“A semente do **andaiacu** é oleosa; é uma cápsula que, como a do *Ricinus* ou *Jatropha*, contém três caroços e é suficiente para fornecer um ótimo purgativo. Asseguraram-me – e esta é uma observação que devo ao falecido Ministro, comandante de Barca (mais conhecido pelo nome de Cavaleiro Araújo) – que o óleo espremido dessa semente é um ótimo secante, podendo ser utilizado na pintura a óleo com excelentes resultados, pois ele intensifica as cores e fornece um verniz permanente que se espalha sobre todo o quadro.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825



J. princeps, MHNJB - UFMG,
Belo Horizonte



Bernardino A. Gomes, 1790-1801



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O coco contém um óleo que produz intenso efeito purgante. Não deve ser usado. Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes com a planta.

COLHER-DE-VAQUEIRO

Nome Científico: *Salvertia convallariodora* A. St-Hil.

Família: VOCHYSIACEAE

Outros nomes populares: pau-de-arara, folha larga

“VIAGEM AO LONGO DO RIO DAS VELHAS ATÉ LAGOA SANTA – OS CAMPOS E SUA VEGETAÇÃO. Uma arvorezinha muito agradável é a *Salvertia convallariodora*, com 10 ou 12 pés de altura; seus ramos em forma de candelabro, apresentam folhas compridas, brilhantes e coriáceas, de 5 a 6 polegadas, em cujo centro se eleva um cacho de flores do tamanho e aparência de nossa castanheira. Esta árvore, temporariamente folhada, assemelha-se às malváceas e dá belas flores de colorido róseo, sendo que as suas folhas do verão caducam no inverno. Vemos uma desta árvores, no fundo do quadro, com seu tronco alto e suas folhas digitadas; podemos aí observar também os frutos em forma de cápsulas, ainda não abertos, que contém o algodão.”

H. Burmeister

Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1853



S. convallariodora, Lassance



Amostras-tipo coletadas por A. de Saint Hilaire, MNHN Paris.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

CONGONHA

Nome Científico: *Rudgea viburnoides* (Cham.) Benth.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: cangunha, caangunha

“REGRESSO AO RIO DE JANEIRO – CONGONHAS E BARBACENA

Geralmente, em quanto se escreve, põe-se **Congonha** em vez de Caacunha. Provém o nome de uma planta, cuja infusão diz-se ter ótimo remédio para os incômodos femininos. Dizem, ainda, que é a mesma erva-mate do Paraguai, mas a mim pareceu-me ela arbusto menor, com fôlhas peludas de um verde acinzentado e que cresce abundantemente por quase tôdas as terras baixas dos arredores do Rio-de-Janeiro. Reconheço, porém, que essa não constitui exatamente a caacunha de Minas-Gerais e nunca ouvi falar que esta tivesse a menor pretensão a poderes medicinais.”

J. Luccock

*Notas sobre o Rio de Janeiro e
partes meridionais do Brasil, 1820*



R. viburnoides, Curvelo



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

COPAÍBA

Nome Científico: *Copaifera* spp.

Família: FABACEAE - CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: copaíba, pau-de-óleo, pau d'óleo.

“Destas espécies de copaíferas que acabamos de referir, sabemos que se extrae o bálsamo de **Copaíba** *officinal*. Outras produzidas no Brasil como a *longifolia* e *cordifolia* de Martius, a de Selowio, a frouxa (laxa) e a *trapezifolia* de Hayne, a respeito de cuja importância desejaria se pedisse aos médicos brasileiros, para fazerem experiências. Entretanto desde já posso declarar que o balsamo de **copaíba** pode variar mais ou menos em cor, cheiro, peso específico, e propriedades medicinaes, segundo as diferentes espécies de que foi tirado. Um, o da copaífera de Langsdorf e da coriacea, é de um alaranjado intenso, de um cheiro penetrante, de sabor acérrimo; outro, côr de vinho do Rhemo e mais branco, outro mais pallido. Quanto às espécies de que tratam Pisão e Marcgrave, é o juízo mais difficil. O uso no Brasil é variado, mas principalmente se emprega para gonorrhéas, na dose de meio escropulo.”

C.F.P. von Martius
Sistema de Matéria Médica
Vegetal Brasileira, 1824



Coleta do bálsamo em Itabira



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem mais de 20 espécies de copaíbas no Brasil, especialmente na região amazônica. A *C. langsdorffii* ocorre em Minas Gerais. Diversos estudos confirmaram os efeitos anti-inflamatórios, antitumorais e bactericidas dos bálsamos extraídos dessas plantas.

Santos-Júnior e cols. J Nat Med. (2010) 64(2):231-8.

Stupp e cols. T. Biores Techn. (2008) 99(7): 2659.

DOURADINHA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Palicourea rigida* Kunth

Família: RUBIACEAE

Outro nome popular: gritadeira

“As folhas deste arbusto, produzido nas províncias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, são dotadas de uma notavel acrimonia, e elogiadas como remedio da mais alta virtude na syphilis inveterada, dores rheumaticas e inchação dos membros, provenientes de resfriamento e a que os habitantes chamão *corrimentos*, na dyspepcia, e para o estado de asthenia (debilidade, frouxidão) geral, proveniente de dyscrasia (constituição arruinada). Prescreve-se a infusão em pequena dóse, com xarope aromatico, ou canella; em dóse maior, causa violentas colicas, copiosas dejeccões e vomitos. Tambem é recomendavel a tintura alcoolica.”

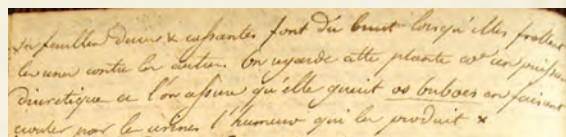
C.F.P. von Martius
Sistema de Matéria Médica Vegetal Brasileira,
1824



P. rigida, Curvelo



MHNH Paris



Cadernos de campo: “...se emprega esta planta como diurética...”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

DROSERA

Nome Científico: *Drosera* spp.

Família: DROSERACEAE

“EXCURSÃO À ERMIDA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS. “Dois dias depois, galgamos uma das altas montanhas que rodeiam essa planície. À medida que subíamos, a vegetação que se tornava menos vigorosa e mais variada, e vimo-la mudar constantemente, conforme a altura. Encontrei, entre outras, algumas plantas da família da ericáceas; várias umbelíferas de folhas simples; grande número de *Eriocaulons*; duas ou três espécies de *Vellozia*; uma surpreendente variedade de melastomatáceas de folhas pequenas; uma soberba *Utriculária* de flores róseas quase do tamanho das do *Antirrhinum majus*; uma Apocinácea de corolas quase tão grandes como as do *Nerium oleander*; uma ***Drosera*** de folhas lineares, que cresce em um lugar bastante seco, bem no alto da montanha (*Drosera graminifolia*, Aug. de Saint-Hil.); devi, finalmente, ao Sr. Langsdorff uma *Sauvagesia* de caules lenhosos, folhas semelhantes às das urzes, e cujos ramos delicados acima terminam por um pequeno ramalhete de flores róseas (*Lavradia ericoides*, Aug. de Saint-Hil.).”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e
Minas Gerais, 1830



Acima, *Drosera* sp.,
Reserva Natural
do Caraça;
ao lado, amostra coletada
por A. de Saint-Hilaire no
Caraça, MNHN Paris;
abaixo, cadernos de
campo, “*Drosera*
communis Aug. de SHil.”

414 *Drosera* fl. rosea in la. *Drosera communis* Aug. de Hil.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

EMBAÚBA

Nomes Científicos: *Cecropia* spp.

Família: URTICACEAE

Outros nomes populares: Imbaúba, ambaúva, ambaitinga, umbaúba, embira, imbaíba, árvore-da-preguiça

“A **árvore-da-preguiça**, é assim chamada porque aquele animal sobe nela, especialmente à noite, para comer os brotos e as folhas novas, até deixá-la como um esqueleto. Essa Morácea é chamada pelos Tupis de “**umbaúba**” ou “**umbahuba**”, também escrita “**ambabam**”, “**ambaíba**”, “**imbaíba**” e muitas outras formas, mas não “embeaporba” como faz Mr. Walsh. Mr.Hinchcliff (Esboços Americanos, cap. Xii) a chamam de “sumambaia”, que desigan um Filix. Os selvagens fazem diferença entre a *Cecropia palmata* e a *Cecropia peltata*, especificando a última como “**ambaitinga**”, ou “a branca”, porque suas folhas velhas são cobertas por uma lanugem esbranquiçada, frequentemente voltadas pra cima, como se tivessem sido alvejadas, e mancham de branco a copa da árvore. A folhagem nova é conhecida por sua brilhante cor vermelha, que concorre muito para a sua beleza. Os brasileiros também separam duas espécies: a roxa e a branca.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



Cecropia sp., estrada entre Caeté e Sabará



Amostra-tipo, MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito hipotensor, antioxidante e hipoglicêmico em testes *in vitro* e *in vivo*.

Andrade-Cetto e cols. Pharmacol online (2007) (3): 203-210.

Silva e cols. Food Chem. (2006) 101(3): 1012-1018.

Nicasio e cols. Phytother Res. (2005) 19(8): 661-664.

Lacaille-Dubois e cols (2001). Phytomed. 8(1) : 47-52.

ERVA-DE-BICHO

Nome Científico: *Polygonum hydropiperoides* Michx.

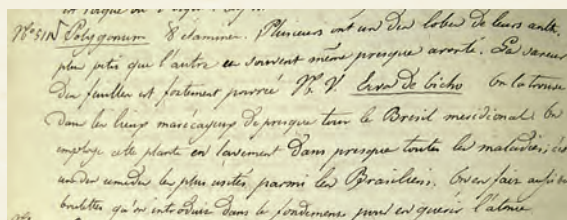
Família: POLYGONACEAE

“Seguimos o curso do rego que fornece água para o engenho. Esses canais, às vezes de 4 a 4,30 centímetros de profundidade, são de importância vital para uma fazenda e são nivelados a olho, como Kariz do Beluquistão, a grande distância. Um picareteiro irlandês, se conseguisse manter-se sóbrio, faria fortuna aqui. As margens do rego eram cobertas de grama (*Triticum repens*) que nascia entre as pedras e de **erva-de-bicho**, ótima para dores-de-cabeça; os bambus eram a taboca-de-liceu e a cambaúba, que se parece com a recortada crisciúma.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



Acima, *Polygonum* sp., Caeté;
à esquerda, amostra coletada por
A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris;
abaixo, cadernos de campo,
“N.V. Erva de bicho”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos mostraram efeito com outras espécies de *Polygonum* e encontram-se publicados. Não foram encontrados, no entanto, resultados de pesquisas com a *P. hydropiperoides*.

FEDEGOSO

Nome Científico: *Senna occidentalis* (L.) Link

Família: FABACEAE - CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: quitoco, tririquim, fedegoso-do-mato, gajamarioba

“**Fedegoso**, também chamado quitoco, é um purgante sudorífico de ação branda; a raiz é cozida com água e é muito eficaz contra prisão de ventre. As sementes torradas fornecem uma bebida agradável que se assemelha ao café.”

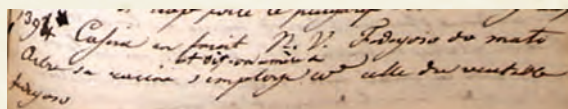
G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825

“Parte usada: casca da raiz e folhas. A casca da raiz é diurética e tônica; emprega-se contra a hidropsia; as folhas são purgativas.”

P.L.N. Chernoviz
Formulário e Guia Médico, 1841



Acima, *S. occidentalis*, Rio Espera; à esquerda, amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN; abaixo, cadernos de campo, “N.V. Fedegoso do mato”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As raízes do fedegoso contêm substâncias do grupo dos antracênicos, que possuem propriedades laxantes por irritarem a mucosa intestinal. Estudos evidenciaram que o uso prolongado desta planta deve ser evitado.

Barbosa-Ferreira e cols. Food Chem Toxicol. (2005) 43(4): 497-503.

Nadal e cols. Pathol Res Pract. (2003) 199(11): 733-7.

GABIROBA

Nome Científico: *Campomanesia pubescens* (DC.) O. Berg

Família: MYRTACEAE

“VILAS DE BARBACENA E QUELUZ. A região que percorremos por espaço de algumas léguas entre Barbacena e a pousada chamada Padre Anastácio, nome do seu atual proprietário, é semelhante à que havíamos palmilhado desde nossa entrada nos campos. São ainda morros arredondados e pouco elevados cobertos de pastagens, e as moitas de arvoredo continuam sempre a se mostrar por aqui e ali nos vales. As gramíneas formam a massa da vegetação; mas no meio delas se encontram muitos sub-arbustos de pé a pé e meio, entre eles Apocináceas, encantadoras Melastomáceas de pequenas folhas, algumas Malváceas, uma *Cuphea* que, pela folhagem, haste delgada e flores purpurinas lembra certas urzes; finalmente, uma espécie de *Psidium*, ao qual se dá o nome de **gabiroba**, e cujo fruto amarelado e pouco menor que uma cereja é comestível.”

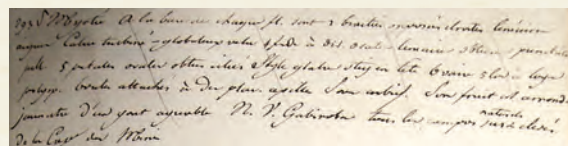
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



C. pubescens, Ouro Preto e Parque Nacional da Serra do Cipó



UFOP



Cadernos de campo, “N.V. Gabiroba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Um estudo avaliou e confirmou a possibilidade da polpa dos frutos ser usada na produção de bebidas fermentadas.

Duarte e cols. J Ind Microb Biotechnol. (2009) 36(4): 557-69.

GENTIANA

Nome Científico: *Irlbachia* spp.

Família: GENTIANACEAE

Outro nome popular: Raiz-amargosa

“A raiz desta herva, que cresce nos lugares montanhosos do centro do Brasil, tem pouco mais ou menos as virtudes das gentianas européias. Administrão-se em cozimento ou infusão, ou infusas em vinho com os fructos da *Xilopia grandiflora* e com o amarelo da casca de laranja. O mesmo uso que *Gentiana officinal*.”

C.F.P. von Martius

Sistema de Matéria Médica Vegetal Brasileira, 1824

“Pequenas plantas que habitam Minas Geraes. Caule simples, flores azuis levemente arroxeadas, raízes com espessura de uma pena de ganso, e muito amargas. As raízes neste estado são usadas como febrífugas em maceração em água fria, na mesma dose que a genciana officinal.”

P.L.N. Chernoviz

Formulário e Guia Médico, 1841



Irlbachia sp., Ouro Preto



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

GERVÃO

Nome Científico: *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl

Família: VERBENACEAE

Outros nomes populares: urgevão, orgibão, jarbão

“Essa espécie, que cresce por toda a parte, foi necessariamente uma das primeiras que os brasileiros experimentaram nas suas enfermidades; mas, como tais experiências foram tentadas num monte de doenças que nada têm de comum entre si, e sempre se louva o remédio quando ele é acompanhado pela cura, é natural que se tenha acabado por atribuir ao **Gervão** propriedades muito diferentes nas diversas partes do Brasil. Essa planta é, pois, considerada, ora como estimulante, ora como febrífuga, ora vulnerária, etc, e recomenda-se àqueles que receberam fortes contusões beber o suco que se obtém de suas folhas ou beber uma infusão que se faz com elas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



S. jamaicensis, Sete Lagoas



UFOP



Plantas Usuais dos Brasileiros,
1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta foi avaliada e apresentou atividade analgésica, antiinflamatória, antioxidante e bactericida contra diferentes microorganismos.

Sulaiman e cols. *Med Princ Pract.* (2009) 18(4):272-9.

Idu e cols. *Res J Med Plant.* (2007) 1(4): 149-153.

Alvarez e cols. *Phytother Res.* (2004) 18(6): 457-462.

GOIABEIRA

Nome Científico: *Psidium guajava* L.

Sinônimo: *Psidium pomiferum* L.

Família: MYRTACEAE

Outros nomes populares: guaiaba, goiaba

“Ao meio-dia, chegamos até o arraial de São José – uma fila de casas, dispersas ao longo do rio, com uma capela, para onde aflui a população do lugarejo. A região era coberta de pequenos arbustos e grande quantidade de **goiabeiras** (*Psidium pomiferum*) carregadas de frutos maduros. Passamos por entre as árvores, colhendo, cá e lá, as bonitas goiabas, que comemos com muito gosto. A fruta é uma das melhores de origem americana; (...) As goiabas, quando bem maduras, são muito moles e quase liquefeitas tendo um vago cheiro de urina, que as torna repugnantes a princípio; mas, em breve, essa repugnância é vencida. A polpa não é demasiado doce nem amarga, mas antes sem nenhum gosto acentuado, e, na falta de outro fruto refrescante, a gente se acostuma a comer a goiaba. Muito boa, entretanto, é a goiabada, doce semelhante à marmelada, que se prepara com essa fruta, como também é excelente o seu suco misturado com açúcar, para o preparo de uma geléia.”

H. Burmeister

Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1853



P. guajava, Curvelo



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Em estudos recentes foram confirmadas as ações antioxidante e bactericida dos flavonoides e taninos da planta. Uma patente foi registrada para uso no tratamento de distúrbios gastro-intestinais.

Marquina e cols. Arch Latinoam Nutr. (2008) 58(1): 98-102.

Chen e cols. Food Chem. (2007) 104(4): 1418-1424.

Chen e cols. Food Chem. (2006) 101(2): 686-694.

Lozoya e cols. PCT Int. Appl. (2006) 45pp.

ÍNDIGO

Nome Científico: *Indigofera suffruticosa* Mill.

Família: FABACEAE - FABOIDEAE

Outros nomes populares: anil, anileira

“O NORTE DE SÃO JOÃO DEL REI. A indústria da cidade está numa fase má. São João tem um banqueiro, o Capitão Custódio de Almeida. Panos de algodão e lã, lisos e listrados, são feitos a mão. São tingidos com **índigo**, urucu (a conhecida *Bixa orellana*) e outras tintas abundantes na região. Esses panos são resistentes e duram muito mais que os tecidos em máquinas; são caros, porém, a produção mal satisfaz o consumo local. Há plantações de chá, e o preparado pelo Padre Francisco de Paula Machado, em sua chácara, na estrada para Oliveira, é muito vendido em São João e apreciado no Rio de Janeiro.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



I. suffruticosa, Ouro Preto



UFSJ

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém alcaloides de coloração azulada, por isso já foi muito usada em tinturaria. Estudos feitos com a infusão e a maceração das folhas da planta evidenciaram atividade bactericida e antitumoral.

Calvo e cols. Evid Based Complement Alternat. (2009) 20.

Vieira e cols. Evid Based Complement Alternat. (2007) 4(3): 355-359.

Leite e cols. Evid Based Complement Alternat. (2006) 3(2): 261-5.

INGÁ

Nome Científico: *Inga vera* Willd.

Família: FABACEAE - MIMOSOIDEAE

“Encontramos ali um caminho para gado que rumava para oeste e o seguimos. A superfície era arenosa, com plataformas de lajes ou blocos compactos ou dispersos de carbonato de cálcio, quase mármore. Não poderia haver nada melhor que o solo, que, em certos lugares, estava alagado com as últimas chuvas. Ficamos encantados com a vegetação. O **ingá**, uma mimosa, estava carregado de seus frutos brancos e macios, enquanto o juazeiro (*Zizyphus*) e a faveleira, florescidos, produziam um cheiro muito agradável.”

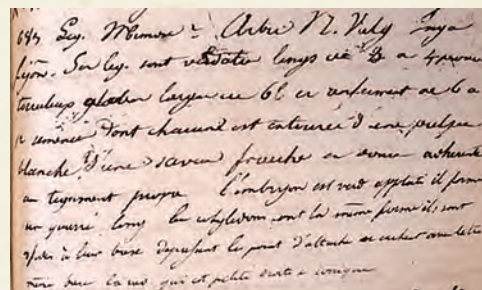
R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



I. vera, MHNJB - UFMG, Belo Horizonte



À esquerda, UFOP;
abaixo, cadernos de campo,
“N. Vulg Inga”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

IPECACUANHA

Nome Científico: *Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes

Sinônimo: *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: poaia, ipê-cea-goene, poaya, poaya-do-mato, poaya-da-botica, ipécea-goente

“No momento em que Spix e Martius chegaram à aldeia, os índios coroados estavam ocupados na colheita de **ipecacuanha**, no interior da mata. Nessas sombrias florestas, nas quais não se pode entrar sem uma escolta, sob as abóbadas formadas pelas árvores, jamais atravessadas pelos raios de sol, encontram-se numerosas plantas medicinais e, entre outras, a famosa raiz de **ipecacuanha**, cujo uso é tão comum na Europa. Essa raiz provém de um pequeno arbusto (*Cephaelis ipecacuanha*), que cresce sempre em grupos na parte mais elevada da Serra do Mar. O preço da raiz não é muito elevado nos lugares onde ela é colhida; paga-se, em geral, cerca de 200 réis por libra e, além disso, os índios mostram-se dispostos a trocá-la por artigos como aguardente, quinquilharia e lenços de algodão. Contaram, naquelas florestas, a Spix e Martius, que as virtudes da **ipecacuanha** tinham sido ensinadas aos selvagens pelo pássaro chamado irara, espécie de martim-pescador, que, segundo se diz, tem o hábito de comer a raiz e as folhas da planta, quando, em virtude de ter bebido água malsã de algum rio, quer provocar vômito. Essa é, sem dúvida, mais uma das mil tradições fabulosas que os portugueses receberam dos índios ou que eles próprios inventaram, achando que os índios não inventavam bastante lendas.”

A. D'Orbigny

Viagem pitoresca através do Brasil, 1836



P. ipecacuanha, coletada em Ferros



MNHN Paris



Bernardino A. Gomes, 1780-1801

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O uso da ipecacuanha como vomitivo foi aprendido dos indígenas que habitavam a região da Mata Atlântica e esta ação é aproveitada até os dias de hoje. Existe, por exemplo, patentes para produtos, com a planta depositada no estrangeiro.

Saincher e cols. J Toxicol Clinical Toxicol. (1997) 35(6): 609-615.

Huckle 2001. PCT Int. Appl. 19 pp.

IPÊ-ROXO

Nome Científico: *Tabebuia impetiginosa*
(Mart. ex DC.) Standl.

Família: BIGNONIACEAE

Outro nome popular: pau-d'arco

“Não me descuidei de visitar a Vila de Guaicuí, que tem, de igreja a igreja, cerca de três quartos de milha. O caminho acompanha a margem direita do Rio das Velhas, que é apenas parcialmente sujeita às inundações; seu limite é denotado pelo capim muito verde e pelas almecegueiras de folhagem espessa; a árvore mais bonita é o **pau-d'arco** de flor roxa. Essa Bignoniácea, que dá muitas flores cor de malva, é usada como anti-sifilítica, e o cerne da madeira é de molde a cumprir o dever do “*lignum guaiacum*”.

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



T. impetiginosa, Belo Horizonte



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas do ipê-roxo contêm substâncias que apresentam atividade antitumoral *in vitro*. Várias patentes foram depositadas para produtos com a planta, especialmente por americanos, coreanos e japoneses.

Kim e cols. Biosci Biotech Biochem. (2007) 71(9): 2169-2176.

Kung e cols. J Cell Physiol. (2007) 211(2): 522-532.

Woo e cols. J Med Food. (2006) 9(2): 161-168.

Lee e cols. Exp Oncol. (2006) 28(1): 30-35.

Woo e cols. Int J Oncol. (2005) 26(4): 1017-1023.

JABORANDI

Nome Científico: *Piper aduncum* L.

Família: PIPERACEAE

“Este regulamento pertence às notícias de Santa Luzia, onde se fala sobre a planta jaborandi. Jaborandi é, em geral, um *Piper*. Aqui, porém, a raiz de uma *Fragaria* é tão forte quanto a pimenta mais picante.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825

“As folhas frescas contusas, exalam aroma fraco não desagradável, um tanto semelhante ao aniz. Mascadas, produzem na língua uma sensação particular acompanhada de anestesia e produzindo grande salivacção. A infusão das folhas frescas na proporção de 20 grammas para 300 d’ água fervendo, é usada vulgarmente como sudorífica, na dose de alguns cálices”.

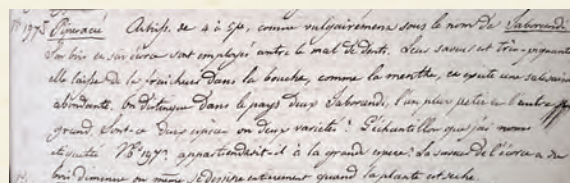
Peckolt & Peckolt
1893



P. aduncum, MHNJB - UFMG, Belo Horizonte



À esquerda, UFSJ;
embaixo, cadernos de
campo



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Jaborandi é um nome popular atribuído originalmente a espécies de *Pilocarpus*, plantas nativas do Brasil e que produzem a pilocarpina. Os jaborandis *Pilocarpus* encontram-se hoje em perigo de extinção devido à excessiva coleta suas folhas para a preparação de medicamentos usados no tratamento do glaucoma. Atualmente, os jaborandis do gênero *Piper* são os mais conhecidos, mas eles não contêm pilocarpina. Vários estudos evidenciaram a capacidade de extratos do *P. aduncum* em inibir o crescimento das larvas de espécies de *Aedes*, inclusive *A. aegypti*.

Misni e cols. Am Mosq Control Assoc. (2009) 25(4): 442-7.

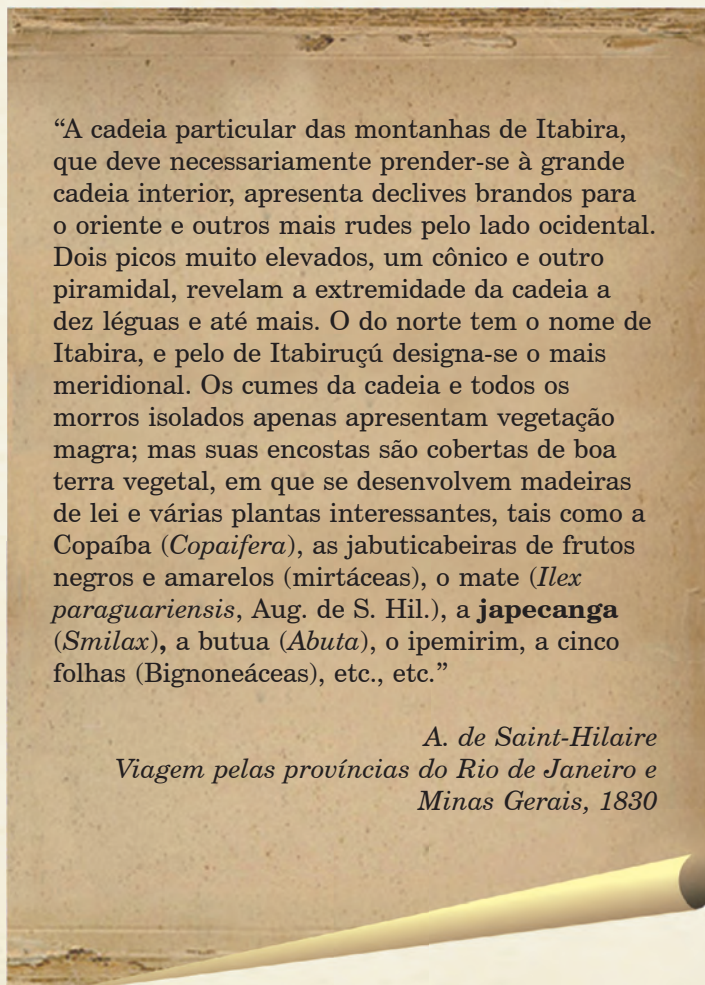
Rafael e cols. Genet Mol Res. (2008) 7(3): 772-81.

JAPECANGA

Nome Científico: *Smilax* spp.

Família: SMILACACEAE

Outros nomes populares: japi-canga, salsaparrilha, juapecanga, inhapecanga, japicanga.



“A cadeia particular das montanhas de Itabira, que deve necessariamente prender-se à grande cadeia interior, apresenta declives brandos para o oriente e outros mais rudes pelo lado ocidental. Dois picos muito elevados, um cônico e outro piramidal, revelam a extremidade da cadeia a dez léguas e até mais. O do norte tem o nome de Itabira, e pelo de Itabiruçu designa-se o mais meridional. Os cumes da cadeia e todos os morros isolados apenas apresentam vegetação magra; mas suas encostas são cobertas de boa terra vegetal, em que se desenvolvem madeiras de lei e várias plantas interessantes, tais como a Copaíba (*Copaifera*), as jabuticabeiras de frutos negros e amarelos (mirtáceas), o mate (*Ilex paraguariensis*, Aug. de S. Hil.), a **japecanga** (*Smilax*), a butua (*Abuta*), o ipemirim, a cinco folhas (Bignoneáceas), etc., etc.”

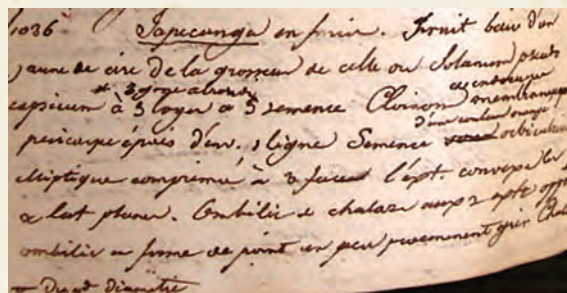
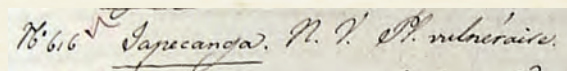
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e
Minas Gerais, 1830



Smilax sp., Curvelo



UFJF



Cadernos de campo, “N.V. Japecanga Pl. Vulnérable”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Várias patentes foram depositadas para diferentes espécies de *Smilax* e algumas delas relatam efeitos benéficos em problemas circulatórios e respiratórios.

Olalde e cols. U.S. Pat. Appl. Publ. (2007) 15pp.

Rigby e cols. U.S. Pat. Appl. Publ. (2003) 10 pp.

JARRINHA

Nomes Científicos: *Aristolochia* spp.

Família: ARISTOLOCHIACEAE

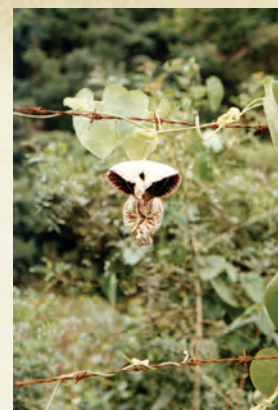
Outros nomes populares: cassau, cipó-de-mil-homens, mil-homens

“A raiz de **mil-homens** (*Aristolochia*) dá um chá agradável, freqüentemente usado contra a febre, picada de cobra e muitos outros casos”.

“**Mil homens**, do gênero *Aristolochia*: dizem que a raiz é muito eficaz em casos de febre e de picada de cobra; é um medicamento levemente amargo e aromático”.

“Diversas espécies do gênero *Aristolochia* (Aristolochiaceae) ocorrem no Sudeste brasileiro e são utilizadas na medicina popular.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825



Aristolochia sp., Santana do Riacho e Santa Bárbara



Amostra coletada por Riedel,
MNHN Paris



von Martius, Novo Genera et
Species Plantarum, 1823-1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta tem efeitos antimicrobianos, inclusive contra bactérias multirresistentes, isoladas de ambiente hospitalar.

Machado e cols. *Phytother Res.* (2005) 19(6): 519-525.

Alviano e cols. *Arch Oral Biol.* (2008) 53(6): 545-52.

JATOBÁ

Nome Científico: *Hymenaea courbaril* L.

Família: FABACEAE – CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: jetahy, jatahy, jetaí, jataí-uva, jetaíba, abati-timbahy, jataí

“Encontra-se nos arredores de Passanha uma casca avermelhada cujo sabor é muito mais fraco que o de canela da Índia, e que, no entanto, poderia substituí-la. A analogia me leva a crer que essa casca é a de alguma laurácea. Presentearam-me, também, na localidade, com um grande pedaço de resina amarelada, transparente, que não se funde na boca, e que se queima sem grande dificuldade, espalhando um cheiro fraco, mas bastante agradável. Essa substância é produzida pelas raízes de uma grande árvore que chamam **jatobá** (*Hymenaea courbaril*, L. ex Mart.). Os habitantes desse local dão muito valor à resina do **jatobá** para as moléstias do peito, que a empregam reduzida a pó.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



H. courbaril, Curvelo e Lassance



UFSJ e UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O Jatobá é uma planta muito estudada, especialmente pelos japoneses, que patentearam diversos produtos para uso contra queda de cabelo, clarear a pele, contra doenças auto-imunes e contra a hipertrofia da próstata. Este é um exemplo de planta brasileira que vem sofrendo intensas ações de biopirataria.

Kurita e cols. (2007) Jpn. Kokai Tokkyo Koho. 23pp.

Kobayashi e cols. (2005) PCT Int. Appl. 160 pp.

Sato e cols. (2000) Jpn. Kokai Tokkyo Koho.

JUAZEIRO

Nome científico: *Zizyphus juazeiro* L.

Família: RHAMNACEAE

Outro nome popular: juá

“DE SÃO ROMÃO A JANUÁRIA. A população do povoado está espalhada em casinholas de pau-a-pique, forradas de telhas ou de sapé. (...) Nos barrancos mais altos, onde não chegam as enchentes, crescia o juá, Solanácea, que ainda trazia os frutos enegrecidos do ano anterior; os cactos órgão; a pitombeira (*Sapindus edulis*), árvore grande, de fruto comestível; o pingui, aqui chamado em imbaru, e a copada aroeira de minas, também chamada capicuru. Esta última se parece com a *Melia azadirachta* do Industão, mas as folhas não são amargas.”

R. Burton

*Viagem de Canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869*



Z. juazeiro, Brumado - BA



Z. juazeiro, Brumado - BA

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O juazeiro é rico em saponinas, substâncias tensoativas. Estudos vêm evidenciando o potencial da planta contra as bactérias da cavidade oral, especialmente as causadoras da cárie.

Leal e cols. *Planta Med.* (2010) 76(1): 47-52.

Alviano e cols. *Arch Oral Biol.* (2008) 53(6): 545-52.

LOBEIRA

Nome Científico: *Solanum lycocarpum* A. St.-Hil.

Família: SOLANACEAE

Outros nomes populares: fruta-do-lobo, árvore-da-batata.

“VIAGEM AO LONGO DO RIO DAS VELHAS ATÉ LAGOA SANTA. Nesse planalto, reinava já a vegetação dos campos, cuja a formação me interessava muito. O que mais me surpreendeu foi certo número de árvores, que se pareciam com macieiras baixas, tendo somente menos ramos e folhas que estas. As flores e os frutos assemelhavam-se estranhamente com os da nossa batata e pareceu tratar-se de uma *Solanum*. Nunca vira ainda uma forma arborescente desse gênero de plantas, de tão fácil identificação, sendo assim grande a minha surpresa ao encontrar aí uma dessas “árvores de batata”, com suas folhas simples, do tamanho de uma palma de mão, de cor verde-acinzentada e com suas bordas ripadas; os frutos estavam já maduros e apresentavam mais ou menos o volume de uma bola de canhão de 4 a 6 libras. Tratava-se, efetivamente do *Solanum lycocarpum* St. Hil., cujas bagas constituem o alimento predileto do lobo brasileiro (*Canis jubatus*, Desm.; *Canis campestris* Pr. Mx). Foi com admiração que observei essa planta esquisita, cujo o tronco da altura de um homem vergava sob a pressão do vento e sustentava uma copa chata e ampla e de pouca folhagem. A árvore deu-me a impressão de fraqueza e pouca resistência.”

H. Burmeister

Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1853



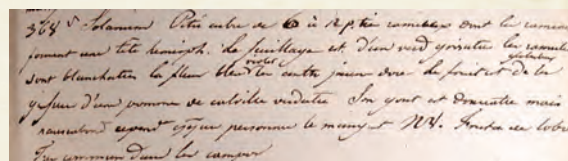
S. lycocarpum, Catas Altas



Coletada por
A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris



UFOP



Cadernos de campo, “N.V. Fruta do lobo”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos confirmaram sua ação como antioxidante e anti-inflamatória de substâncias da planta e patente foi depositada por japoneses.

Yoshikawa Jpn. Kokai Tokkyo Koho (2007), 22pp.

Roesler e cols. Cien Tecn Alim. (2007) 27(1): 53-60.

Vieira e cols. Phytother Res. (2003) 17(8): 892-6.

MACAÚBA

Nome Científico: *Acrocomia aculeata* (Jacq.)

Lodd. ex Mart.

Sinônimo: *Acrocomia sclerocarpa* Mart.

Família: ARECACEAE

Outros nomes populares: palmeira-macaúba, coco-de-catarro, mucajá



A. aculeata, Jaboticatubas

“**Palmeiras-macaúba.** Elas voltaram a aparecer na fazenda do Capitão Joaquim da Costa; aqui veem-se grandes grupos delas. É uma palmeira muito bonita e útil. Seu óleo é usado para fazer sabão.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O óleo de macaúba, bem como de várias outras palmeiras nativas, vem sendo avaliado, visando verificar seu potencial na alimentação e na produção de cosméticos.

Fortes & Baugh. J Anal Appl Pyrolysis. (2004) 72(1):103-111.

MACELA-DO-CAMPO

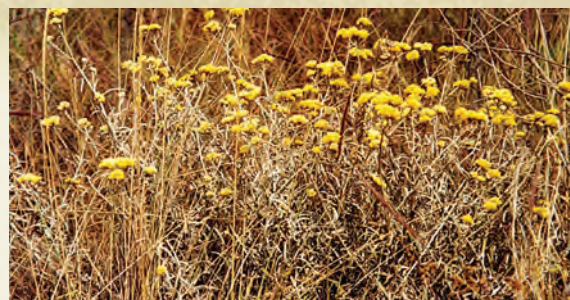
Nome Científico: *Achyrocline satureioides*
(Lam.) DC.

Família: ASTERACEAE

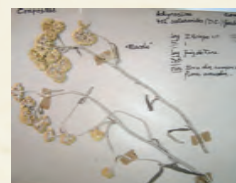
Outro nome popular: macela

“A leguminosa angico (*Acacia angico*), de folhas delicadas, cuja casca contém muito tanino, é também, um indício de terra boa. Minha atenção foi chamada para a **macela-do-campo**, cujas flores amarelas, parecidas com as perpétuas, são usadas para recheio de travesseiros; para a fruta-cheirosa (uma Anacardiácea), com uma grande baga, agora verde e leitosa, e para a almecegueira (*Icica* ou *Icariba amyris*, Aublet), cuja madeira tem um cheiro adocicado e cuja resina perfumada é utilizada para várias finalidades técnicas.”

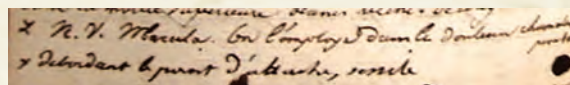
R. Burton
*Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869*



A. satureioides, Itabirito



UFJF e UFOP



Cadernos de campo,
“N.V. Macela” se emprega nas dores

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Ensaios farmacológicos comprovaram os efeitos antioxidante, anti-inflamatório e redutor de LDL da planta. Extratos demonstraram também efeito genotóxico, indicando cautela no seu uso.

Gugliucci e cols. (2002) Life Sci 71(6): 693-705.

Vargas e cols. (1990) Mutat Res 240(1): 13-18.

MALVA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Pavonia* spp.

Família: MALVACEAE

Outros nomes populares: malva-diurética, rosa-do-mato

“Essa planta é tida como diurética, sua decocção é administrada no interior. As propriedades comuns a todas as Malváceas nos levam a crer que ela age como emoliente, e a partir desse relato seu emprego pode ser aconselhado com sucesso nas disúrias ocasionadas pela inflamação da bexiga ou das vias urinárias.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Pavonia sp., Curvelo



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, *Plantas Usuais dos Brasileiros*, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

MANGABEIRA

Nome Científico: *Hancornia speciosa* Gomes

Família: APOCYNACEAE

Outro nome popular: mangaba

“A **mangabeira** (*Harconia*, ou mais justamente *Willughbeia speciosa* Gomes) aparece daqui em diante, cada vez em maior número, nas regiões quentes e secas do sertão, e é cultivada, não raro, como nas províncias da Bahia, Pernambuco e Ceará, junto com a goiabeira e o ananás. Contém suco leitoso, pegadiço, rico de resina, que, endurecida, talvez pudesse ser utilizada como a goma-elástica comum. Com os frutos, costuma a gente do lugar preparar um refresco agradável e nutritivo, que, entretanto, tomado, em demasia, daria colorido à pele e à esclerótica.”

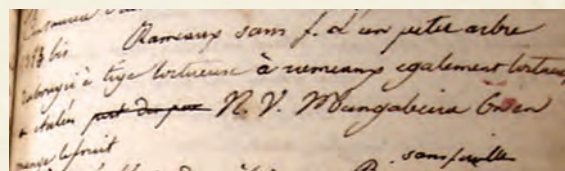
*J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823*



H. speciosa, Parque Mangabeiras - Belo Horizonte



MNHN Paris e UFJF



Cadernos de campo, “N.V. Mangabeira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A mangaba é rica em vitamina C. Estudos *in vitro* demonstram seu potencial como antimicrobiano e no tratamento de hipertensão arterial.

Costa e cols. *Phytother Res.* (2008) 22(5): 705-7.

Ferreira e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 109(1): 161-164.

MARACUJÁ-DE-ESTRALO

Nome Científico: *Passiflora foetida* L.

MARACUJÁ-GRANDE

Nome Científico: *Passiflora alata* Curtis

“As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: ... **maracujá-do-estralo** (*Passiflora foetida* L. e *P. hibiscifolia*), ... **maracujá-grande** (*Passiflora alata* L.)...”

J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823



P. foetida, Jardin des Plantes, MNHN Paris
e amostra depositada na UFOP



P. alata, MHNJB-UFMG e amostra depositada na UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos demonstraram efeito antioxidante e sedativo das folhas e frutos da planta, e esta ação é devida à presença de flavonoides.

Rudnicki e cols. Food Chem. (2006) 100(2): 719-724.

De-Paris e cols Acta Farm Bonaer. (2002) 21(1): 5-8.

MATE

Nome Científico: *Ilex paraguariensis*

A. St.-Hil.

Família: AQUIFOLIACEAE

Outros nomes populares: erva-do-Paraguai,
erva-mate, congonha

“Logo após deixar Barbacena, o viajante que vem de uma região descoberta, começa a perceber a aproximação da região das florestas; encontra morros um pouco menos arredondados, vales mais profundos e tufos de matas mais numerosos. Nestes, onde a terra era arenosa e de má qualidade, tive o prazer de admirar, em estado selvagem, a majestosa *Araucaria angustifolia*, que, ao ver, não existe em nenhuma outra comarca da Província de Minas, além da de S. João, e que aqui, como em Curitiba, é acompanhada de uma árvore famosa chamada **congonha** ou **mate** (*Ilex paraguariensis* A.S.H.).”

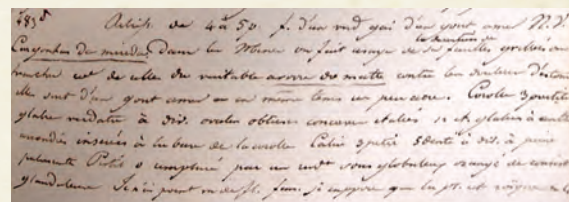
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelo distrito dos diamantes
e litoral do Brasil, 1830



I. paraguariensis, Andreilândia



À esquerda,
MNHN Paris;
abaixo, cadernos de campo
“Congonha da miuda;
árvore do mate”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O mate é muito usado como bebida estimulante devido ao seu conteúdo em cafeína. Estudos preliminares recentes vêm demonstrando que ele teria efeito benéfico também no tratamento do mal de Parkinson.

Milioli e cols. *Phytother Res.* (2007) 21(8): 771-776.

MULUNGU

Nome Científico: *Erythrina corallodendron* L.

Família: FABACEAE - FABOIDEAE

“Nas imediações deste lugar fica um dos sítios mais belos do Rio de Janeiro, o conhecido no país pelo nome de Cascata. É dos quadros mais belos que se possa ver; o lençol de água é bastante largo e se quebra sobre uma mesa de pedra, 25 ou 30 pés abaixo do ponto em que se dá a queda. A vegetação circunjacente concorre para aumentar ainda mais os encantos do espetáculo; chamou-me principalmente a atenção a magnífica *Erythrina corallodendron*, cujas flores têm um colorido vermelho escarlate muito vivo, e uma urtiga arborescente, carregada de frutos brancos e globulosos.”

F. Castelnau

*Expedição às regiões centrais
da América do Sul, 1850*



E. corallodendron, Morro do Pilar



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem controvérsias quanto a origem do mulungu, pois acredita-se que ele possa ser nativo da África. A planta contém elevado teor de alcaloides e seu uso deve ser feito com muita cautela. Uma patente foi registrada para produto para uso como antitumoral e anti-infeccioso.

Lipton 2005. PCT Int. Appl. 64 pp.

MURICI

Nome Científico: *Byrsonima* spp.

Família: MALPIGHIACEAE

Outro nome popular: guiné

“Não se empregam para o cortume indiferentemente as cinzas de todas as árvores: preferem-se no sertão a do angico (Leguminosa), do pau-pobre (Euforbiácea), do imbiruçu, da frutadinho (Solanum lycocarpum, N.) etc. Em outras zonas da Província de Minas, que não o deserto, são empregados, para curtir, o cortex da Canafistula (*Cathartocarpus brasilianta*, Jacq. ex Mart.), da do **murici** (Malpigiáceas), da do barbatimão (*Acacia adstringens*, Mart.). Em vez de banguês, vários fazendeiros empregam troncos de árvores escavadas, e não é mesmo senão na falta de troncos que se empregam os banguês. De mais a mais, o método que acabo de descrever não é exatamente o mesmo para todos os colonos: alguns deixam os couros mergulhados durante mais tempo na cinza, outros deixam-nos mais na água, etc., etc.”

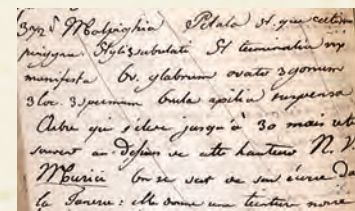
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



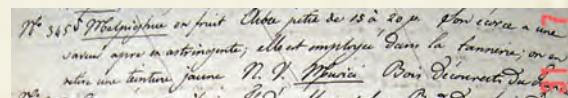
Byrsonima sp., Curvelo



Amostra coletada
por J.E. Pohl,
MHN Viena



Cadernos de capos, “N.V. Murici”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

MUTAMBA

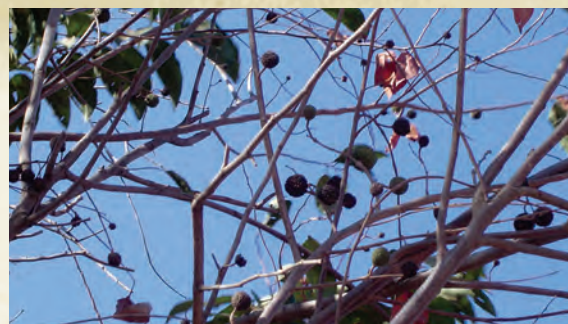
Nome Científico: *Guazuma ulmifolia* Lam.

Família: MALVACEAE

Outros nomes populares: mutombo, motamba, matomba

“O fruto dessa árvore, embora duro e quase lenhoso, está repleto de uma mucilagem de sabor doce e agradável que se pode chupar com prazer, e que lembra o gosto dos figos oleosos. Talvez merecesse ele as honras da cultura, o que contribuiria ainda para melhorá-lo. Aliás, não é a única vantagem que se pode tirar dele: na realidade, uma nota de Plée, conservada no Herbário do Museum, nos ensina que, na Martinica, onde a *Guazuma ulmifolia* é conhecida com o nome de olmo piramidal, emprega-se sua casca de 5 a 18 meses, para clarear o açúcar: é particularmente do liber que a gente se serve, deixando-o de molho na água, operação que faz com que ele produza uma mucilagem espessa, mais apropriada para tecer que o linho. A velha casca do tronco passa, na mesma ilha, por um sudorífico excelente contra as doenças de pele: faz-se ferver três ou quatro onças em três 0.93ml de água que se deixa reduzir a dois.”

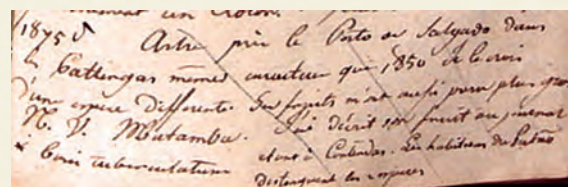
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



G. ulmifolia, São João das Missões



Amostras depositadas no MNHN Paris



Cadernos de campo, “N.V. Mutamba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas da mutamba mostraram efeito anti-hipertensivo e protetor gástrico em estudos com animais. Os japoneses estão avaliando o potencial dos frutos como suplemento alimentar e agente antiobesidade, tendo depositado várias patentes.

Magos e cols. (2008) J Ethnopharmacol. 117(1): 58-68.

Berenguer e cols. (2007) J Ethnopharm. 114(2): 153-160.

Naganami e cols. (2005) Jpn. Kokai Tokkyo Koho, 26 pp.

Mio e cols. (2003) Jpn. Kokai Tokkyo Koho, 27 pp.

ORELHA-DE-ONÇA

Nome Científico: *Cissampelos ovalifolia* DC.

Família: MENISPERMACEAE

“Empregam-se as raízes dessa planta contra a mordida das serpentes; mas eu não poderia dizer se ela tem realmente alguma eficácia. Em geral, os brasileiros atribuem a mesma virtude a um monte de vegetais diversos, e cada cultivador elogia com entusiasmo o antídoto ao qual ele dá preferência. É impossível acreditar que plantas que pertencem a famílias diferentes, das quais algumas têm simplesmente sabor e odor herbáceos, possam igualmente curar da mordida das serpentes venenosas: mas será impossível um dia descobrir-se a verdade, se algum observador escrupuloso e instruído não fizer nos animais experiências articuladas com cuidado.”

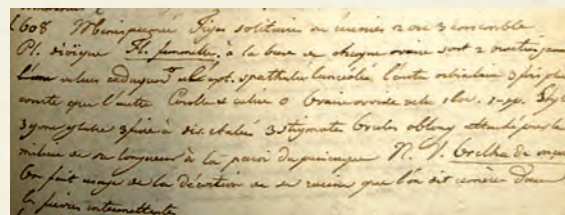
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



C. ovalifolia, Curvelo



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Cadernos de campo, "N. V. Orelha de onça"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os alcaloides desta planta demonstraram atividade antiparasitária *in vitro* contra o *Plasmodium*, parasita causador da malária.

Tempone e cols. *Phytomed.* (2005) 12(5): 382-390.

Fischer e cols. *Acta Tropica* (2004) 92(3): 261-266.

OUTROS FRUTOS NATIVOS

“Perguntou-se muitas vezes se os frutos indígenas do Brasil eram superiores aos da Europa, ou se estes últimos mereceriam a preferência; mas essa questão, habitualmente mal colocada, quase nunca é decidida com justiça. É incontestável que os frutos da Europa, tais como hoje os comemos, são bem mais saborosos que os do Brasil; mas é preciso não se esquecer de que eles são o resultado de uma cultura de vários séculos, ao passo que os frutos indígenas do Brasil estão ainda quase todos em estado selvagem. Se quisermos ser justos, não compararemos pois estes últimos com as maçãs, as peras, e as ameixas de nossos jardins, mas com as que nascem naturalmente em nossos bosques; e, então, não se hesitará um só instante em dar a preferência aos frutos do Brasil. Encontramos nas florestas e nas savanas dessa bela região, uma multidão de frutos que se pode comer com prazer, logo, é de se crer que eles não permanecerão inferiores aos nossos, quando se lhes der algum cuidado. As jaboticabeiras transportadas das florestas aos jardins de São Paulo e do Tejuco, aí produziram frutos deliciosos, unicamente porque aí encontraram um terreno que mais lhes convinha. Como não seria se eles tivessem sido aperfeiçoados por sementeiras feitas em terras misturadas com arte, e por enxertos repetidos várias vezes, seja na própria espécie, seja em espécies vizinhas!”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

ANANÁS

Nome Científico: *Annanas* spp.

Família: BROMELIACEAE



Annanas spp., Curvelo

GRAVATÁ

Nome Científico: *Bromelia* spp.

Família: BROMELIACEAE

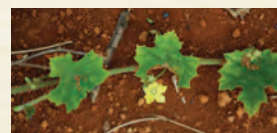
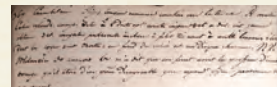


Bromelia spp., Rio Espera

MELANCIA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Melancium* spp.

Família: CUCURBITACEAE



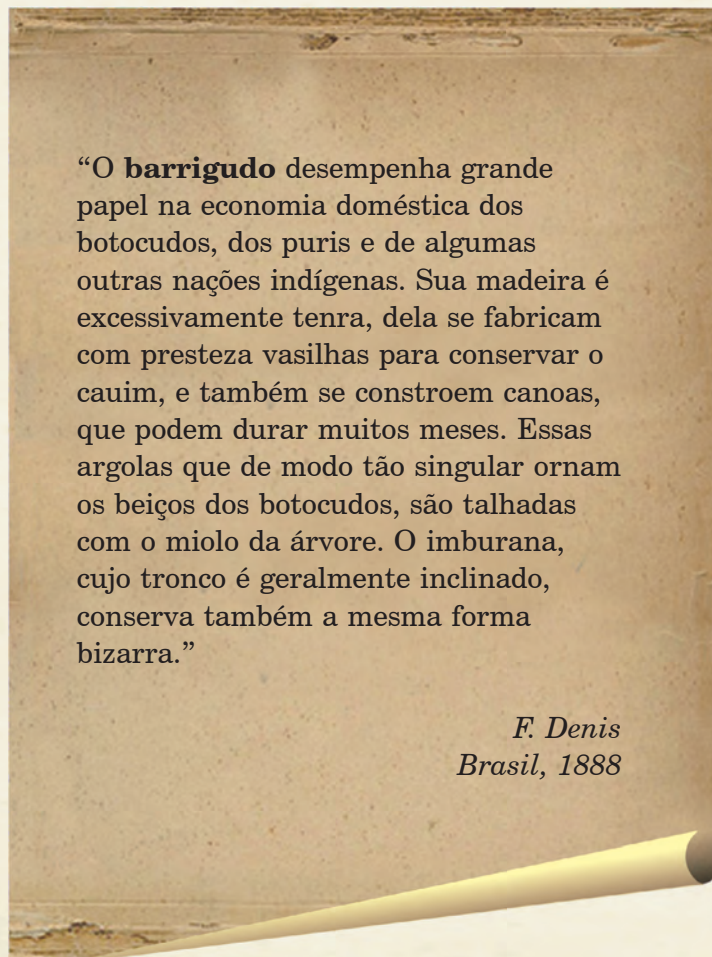
Melancium spp., Curvelo

PAINEIRA

Nome Científico: *Ceiba speciosa* (A. St.-Hil)
Ravenna

Família: MALVACEAE

Outro nome popular: árvore-de-paina

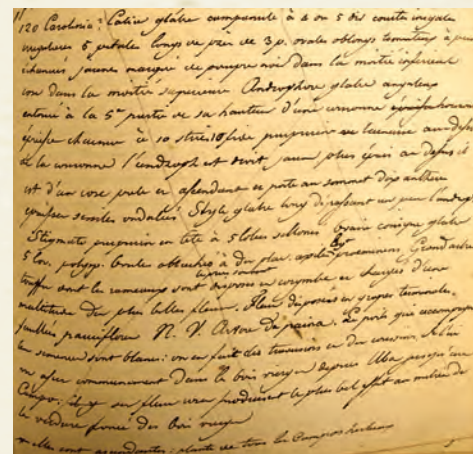


“O barrigudo desempenha grande papel na economia doméstica dos botocudos, dos puris e de algumas outras nações indígenas. Sua madeira é excessivamente tenra, dela se fabricam com presteza vasilhas para conservar o cauim, e também se constroem canoas, que podem durar muitos meses. Essas argolas que de modo tão singular ornaram os beigos dos botocudos, são talhadas com o miolo da árvore. O imburana, cujo tronco é geralmente inclinado, conserva também a mesma forma bizarra.”

F. Denis
Brasil, 1888



C. speciosa, Belo Horizonte



Cadernos e campo, “N.V. Árvore de paina”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos *in vitro* confirmaram a presença de substâncias bactericidas e antioxidantes nas flores da planta. Outros estudos estão tentando verificar o potencial da paina como absorvente de petróleo, para uso no caso de vazamentos acidentais.

Annunciado e cols. Marine Pollut Bull. (2005) 50(11): 1340-1346

Hafez e cols. J Pharm Sci. (2003) 19(1): 40-59.

PANACEIA

Nome Científico: *Solanum cernuum* Vell.

Família: SOLANACEAE

Outros nomes populares: braço-de-mono, braço-de-preguiça, catingas-de-negro

“Braço-de-mono, braço-de-preguiça, da família dos *Solanum*; têm folhas extremamente lanosas e casulos; são usados igualmente como medicamento anti-sifilítico e sudorífico. Também chamados catingas-de-negro, são também anti-reumáticos. Fresco ou seco, como decocto. Dizem que o pó seco das folhas colocado sobre ferimentos é excelente cicatrizante.”

G. von Langsdorff
Diários, 1824-1825



S. cernuum, Santa Bárbara



Amostra coletada por A. Saint Hilaire, MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou que uma substância do grupo dos triterpenos tem efeito antimutagênico *in vitro*, sendo portanto um potencial anticancerígeno. No entanto, pouco se conhece sobre seus efeitos no organismo e o uso interno desta planta deve ser feito com muita cautela.

Grando e cols. Z. Naturforsch. C (2008) 63(7-8): 507-14.

PARATUDO

Nome Científico: *Gomphrena officinalis* Mart.

Família: AMARANTHACEAE

Outros nomes populares: para-todo, perpétua, raiz-do-padre-salerma, para-tudo

“Um capim alto, bastante parecido com a aveia silvestre, e um cardo carregado de flores brancas, são abundantes nos campos, e o **Paratudo**, com suas flores cor de fogo, caindo perto do chão, atraem a vista à certa distância. As árvores baixas que se encontram espalhadas aqui e ali, ficam muitas vezes inteiramente cobertas de um musgo branco fibroso e pendente que lhes dá uma curiosa aparência. Em algumas partes dos campos, essas árvores estão naturalmente distribuídas de tal forma a parecer um pomar, em outras partes encontram-se somente nos vales, onde formam bosques de pequena extensão; raramente têm mais de vinte pés de altura e muitas vezes mesmo, têm os galhos recurvados, a casca muito áspera e freqüentemente uma folhagem cor de cinza ou esbranquiçada.”

C.J.F. Bunbury

*Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835*



G. officinalis, Curvelo



MNHN Paris; Nova Genera et Species Plantarum, 1823-1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PATA-DE-VACA

Nome Científico: *Bauhinia forficata* Link

Família: FABACEAE-CERCIDEAE

Outros nomes populares: unha-de-vaca, mororó-dos-índios

“VIAGEM PARA CONGONHAS DO CAMPO. Diz Fr. José de Santa Rita Durão. Notáveis, também, são as pétalas alvíssimas e as comprimidas vagens verdes dos arbustos leguminosos de folhas fendidas (*Bauhinia forficata*, o **mororó-dos-índios**), aqui chamadas **unha-de-boi**, ou, como alguns preferem, **unha-de-vaca***.

* O “Sistema” prefere unha-de-boi, e classifica o vegetal entre as plantas adstringentes mucilaginosas.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



B. forficata, Cipotânea



MNHN Paris e UFOP.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos evidenciaram o efeito hipoglicêmico das folhas e ele é devido à presença de flavonoides.

Menezes e cols. Rev Bras Farmacog. (2007) 17(1): 8-13.

Lino e cols. Biol & Pharmac Bull. (2004) 27(1): 125-127

Vasconcelos e cols. J Ethnopharmacol. (2004) 95(2-3): 385-92.

Damasceno e cols. Phytomed. (2004) 11(2-3): 196-201.

PAU-BRASIL

Nome Científico: *Caesalpinia echinata* Lam.

Família: FABACEAE – CAESALPINIOIDEAE

Outro nome popular: Ibirapitanga, brasil-mirim, brasil-açu, brasileiro

“VIAGEM DO RIO DE JANEIRO Á SÃO JOÃO DEL REI - PASSANDO POR BARBACENA. Durante meia hora, atravessamos esplêndida planície, repleta de plantas belas e luxuriantes; depois alternaram-se serras e matas; a senda, aberta na floresta, corre sempre pelas encostas da montanha. Além do precioso **pau-brasil** (*Caesalpinia echinata*), que é importante artigo comercial do Reino, têm as selvas também uma quina, conhecida por quina-do-rio-de-janeiro, que, como *Buena hexandra*, descrevi e mandei desenhar em minha obra sobre plantas brasileiras.”

J.E. Pohl

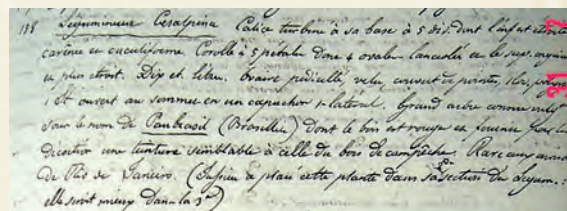
Viagem ao interior do Brasil, 1832



C. echinata, MHNH-UFMG, Belo Horizonte



À esquerda, amostra depositada na UFMG; abaixo, cadernos de campo “PauBrasil”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PAU-DE-LEITE

Nome Científico: *Himatanthus obovatus*

(Müll. Arg.) Woodson

Família: APOCYNACEAE

Outro nome popular: tiborna

“Os brasileiros herdaram dos velhos habitantes do País um meio sensato de tratar das mordeduras de cobra, mas seu sistema admite melhoramentos. Os selvagens aplicavam, acima da ferida, uma ligadura, para impedir o sangue de chegar ao coração durante algum tempo; os civilizados a apertam tanto, que acarreta a maceração do membro atingido. (...) Quando o paciente, que na maioria das vezes, se queixa de uma sensação de prostração, como na cólera, fica embriagado, está salvo. Por outro lado, costumam misturar com o álcool caldo de limão, o que é inofensivo, ou álcool em que foi macerada a cobra coral, ou, o que é prejudicial sem dúvida alguma, mercuriais. Há muitos símplies empregados como a erva-cobreira, a *Aristolochia*, as folhas da *Plumeria obovatae* a gordura do teiú, enquanto Ave-Marias e Padre-Nossos fazem o resto.”

R. Burton

*Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869*



H. obovatus, Curvelo



H. obovatus, Curvelo

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta mostrou-se ativa contra o parasita causador da leishmaniose em estudos *in vitro*.

Mesquita e cols. Mem Inst Oswaldo Cruz (2005) 100(7): 783-7.

PAU-PARATUDO

Nome Científico: *Hortia brasiliana* Vand. ex DC.

Família: RUTACEAE

Outro nome popular: quina

“Essa planta, cuja casca é amarga e febrífuga, não pode, no entanto, ser considerada senão um sucedâneo bastante inútil, uma vez que o *Strychnos pseudoquina* cresce mais ou menos nos mesmos lugares que ela. De qualquer modo, deve-se ver na *Hortia brasiliana* a confirmação das propriedades febrífugas das Rutáceas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



H. brasiliana, Mariana e Santa Bárbara



MNHN Paris e Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *H. brasiliana* é descrita na bibliografia histórica também sob o nome de quina. Ao lado de outras “quinas”, ela já foi muito usada no tratamento de febres intermitentes ocasionadas pela malária. Essas plantas receberam este nome popular por se acreditar que tenham o mesmo efeito das quinas verdadeiras, espécies de *Cinchona* nativas do Peru, que produzem o quinino, potente antimalárico. Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes com a *H. brasiliana*.

PAU-PEREIRA

Nome Científico: *Geissospermum laeve* (Vell.) Miers

Família: APOCYNACEAE

Outros nomes populares: pão-pereira, camara-do-mato, camara-de-bilro, ubá-assú, forquilha, canudo-amargoso, pau-de-dente, pinguaciba, quina-de-pobre

“Não pude deixar de observar a abundância dos elementos antifebris; o Formulário menciona quinze espécies, várias das quais semelhantes às do Peru. No mato mais fechado, havia a quina-do-mato (*Chinchona remigiana*) e, com ela, a quina-de-pobre, uma árvore de casca amarga e fruta doce, chamada por muitos nomes: **pau-pereira** (*Geissospermum Vellozii*), ubá-açu, **pau-forquilha**, **pau-de-dente**, **camará-de-bilro** (bilro), **camará-do-mato**, **canudo-amargoso** ou **pinguaciba**. Há, também, em grande quantidade, o chá-de-pedestre ou chá-de-frade (*Lantana pseudo-thea*).”

R. Burton
*Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869*



G. laeve, Rio Espera



À esquerda, MNHN Paris;
acima, cascas comercializadas
em Três Corações

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Um estudo demonstrou a ação antimalárica dos alcaloides presentes na planta.

Munoz e cols. J Ethnopharmacol. (2000) 69(2):127-37.

PAU-SANTO

Nome Científico: *Kielmeyera speciosa* A. St.-Hil.

Família: CLUSIACEAE

Outros nomes populares: malva-do-campo, folha-santa, pinhão, pau-de-pinhão

“Perto do Rio das Mortes encontrei ainda neste pequeno espaço de terreno a vegetação dos tabuleiros cobertos, isto é, árvores retorcidas, enfezadas, esparsas nos pastos, e principalmente a Gutífera com grandes folhas elípticas que a gente aqui chama **pau-santo** ou **pau-de-pinhão**, Leguminosas, e a Solanácea de frutos enormes que tem o nome de fruta-de-lobo. Bem perto daqui nos picos, encontrei esparsas, nos campos, uma compósita cujas folhas são duras e onduladas. As flores têm perfume muito agradável e a planta é arbusto frondejante, de alguns pés de altura.”

*A. de Saint-Hilaire
Segunda viagem do Rio de Janeiro a
Minas Gerais e a São Paulo, 1822*



K. speciosa, Curvelo



UFSJ

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PAU-TERRA

Nome Científico: *Qualea grandiflora* Mart.

Família: VOCHYSIACEAE

“A árvore “antediluviana”, a nobre e valiosa araucária (*Araucaria imbricata* ou *brasiliensis*), o pinheiro brasileiro, só é vista perto de lugares habitados e é, provavelmente imigrantes do Paraná, onde forma floresta primitivas. O retorcido piqui (*Caryocar brasiliensis*) dá uma fruta oleosa e mucilaginosa, com uma semente em parte comestível. O tingui (*Magonia glabrata* St. Hil.) é uma planta inútil, que dá, pendente, um fruto disforme, parecido com um fungo enorme. O **pau-terra** e o patari, este de grandes sementes, fornecem bom carvão; a casca, as folhas e os frutos do último são usados para tingir de preto.”

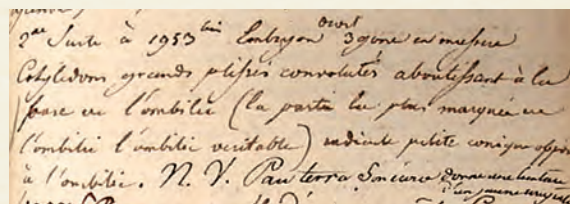
R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



Q. grandiflora, Lagoa Formosa



Nova Genera et Species Plantarum, 1823-1824; amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo, “N.V. Pau terra”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PÉ-DE-PERDIZ

Nome Científico: *Croton perdicipes* A. St.-Hil., *Croton antisiphiliticus* Mart.

Família: EUPHORBIACEAE

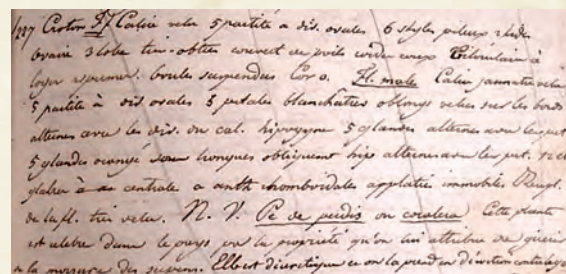
Outros nomes populares: alcanfora, curraleira, erva mular, cocolera

“Folhas resinoso-acres aromaticas; dadas em infusão, procedem como daiphoreticas, diuréticas, e iniciativas da ação dos nervos. Em applicação sobre as glândulas inguinaes inflamadas pelo vírus syphilitico, maravilhosamente as resolvem, e igualmente se diz aproveitarem em quaesquer ulceras, tumores das articulações, assim como nas picadas de cobras.”

C.F.P. von Martius
Sistema de Matéria Médica
Vegetal Brasileira, 1824



Acima, *C. perdicipes*,
Andrelândia e
Curvelo; à esquerda,
amostra depositada
na UFOP; abaixo,
cadernos de campo,
"N.V. Pe de perdis
ou cocolera"



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos sobre esta planta.

PEQUIZEIRO

Nome Científico: *Caryocar brasiliense*
Cambess.

Família: CARYOCARACEAE

Outros nomes populares: piqui, pequi

“DE SÃO ROMÃO A JANUÁRIA. É chamado **Pequizeiro***, devido à abundância que ali havia, antigamente, daquela árvore silvestre, e torna-se-á, provavelmente, a margem esquerda do Rio São Francisco. Sem dúvida alguma, é, mesmo agora, o ponto mais adequado para a localização da cidade, que uma linha de trilhos de madeira ligaria facilmente ao porto; a atmosfera é mais fresca e mais saudável, há fartura de água e de material de construção e as terras de suas proximidades, de solo vermelho e solto, são excelentes para o cultivo de algodão e da cana-de-açúcar.

* ... sua madeira é boa para fazer canoas, e o fruto, do tamanho de uma laranja, fornece uma polpa oleosa, farinácea e muito nutritiva...”

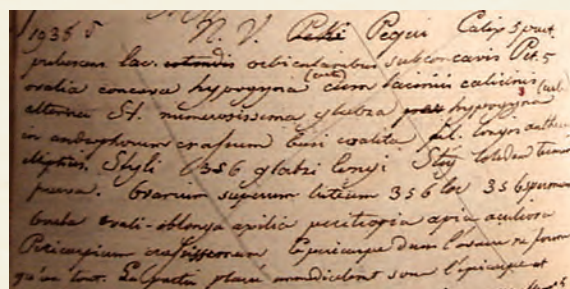
R. Burton
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869



C. brasiliense, Curvelo e Lassance



UFOP



Cadernos de campo, “N.V. Peki Pequi”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou que uma dieta contendo óleo de pequi, rico em carotenoides, é capaz de reduzir a peroxidação lipídica e, assim, o desenvolvimento de certos tipos de câncer.

Miranda-Vilela e cols. Genet Mol Res. (2009) 8(4): 1481-95.

PIMENTA-DE-MACACO

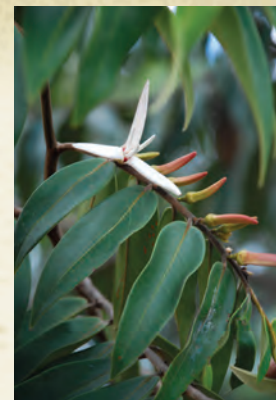
Nomes Científicos: *Xylopia sericea* A. St. Hil.,
Xylopia aromatica (Lam.) Mart.

Família: ANNONACEAE

Outros nomes populares: pindaíba, embira

“Existe nas florestas do Brasil um monte de árvores cuja casca, tenaz e flexível, é empregada pelos habitantes para fazer cordas, e poderia fornecer amarras e excelentes cordames. (...) Na realidade, seus frutos, muito aromáticos, têm o odor da pimenta do reino; e se o sabor não é tão forte, eles são, no entanto, mais agradáveis. Se fossem mais conhecidos, esses frutos seriam certamente procurados como especiaria, e poderiam dar lugar a um novo ramo do comércio; mas, infelizmente, os brasileiros se acostumaram a desdenhar todas as vantagens que a natureza lhes prodigou, e na destruição das florestas, que progride tão rapidamente, a árvore que acabo de analisar não está sendo menos poupada do que tantas outras espécies preciosas, que acabarão talvez por desaparecer totalmente.”

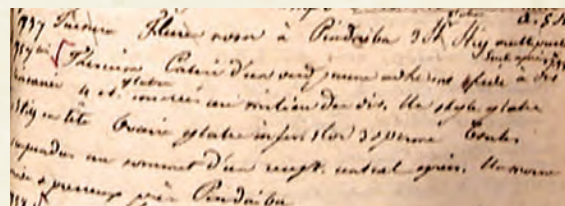
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



X. sericea, Santana do Riacho



À esquerda,
amostra depositada
no MNHN Paris;
abaixo, cadernos
de campo
“Pindaíba”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta é rica em acetogeninas que apresentaram várias atividades, especialmente como larvicidas, antimaláricas e antitumorais *in vitro*.

Suffredini e cols. Fitoterapia (2007) 78(3): 223-6.

de Mesquita e cols. J Ethnopharm. (2007) 110(1): 165-70.

Rodrigues e cols. J Am Mosq Control Ass. (2006) 22(2): 314-7.

PINHEIRO-BRASILEIRO

Nome Científico: *Araucaria angustifolia*
(Bertol.) Kuntze

Família: ARAUCARIACEAE

Outros nomes populares: araucária, pinheiro-do-Brasil, pinheiro-do-Paraná

“Momentos depois estávamos à vista da famosa cidade de Diamantina; capital de uma rica província, ocupa toda a encosta de uma serra, igual em altura à que acabávamos de descer e da qual se separa por estreito vale. A cidade surge tão subitamente à vista do viajante, que parece chamada à existência por um poder mágico: admira-se ele à vista de tamanho aglomerado de grandes casas caídas de branco, entremeadas de inúmeras igrejas, elevando-se gradualmente umas acima das outras nas íngremes encostas da serra, juntamente com numerosas pequenas plantações que rodeiam as casas do subúrbios, laranjeiras, bananeiras e outras plantas tropicais; abundantes e compactas jabuticabeiras e muitos belos espécimes do grande grotesco **pinheiro-do-paraná** (*Araucaria brasiliana*), em estranho contraste com a região rochosa e absolutamente sáfara que rodeia a cidade por todos os lados: é, com efeito, um oásis no deserto.”

G. Gardner
Viagem ao Interior do Brasil, 1846



A. angustifolia, Baependi



UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou efeito antiviral de extratos das folhas da planta.

Freitas e cols. J Ethnopharmacol. (2009) 126(3): 512-7.

PIPI

Nome Científico: *Petiveria alliacea* L.

Família: PHYTOLACCACEAE

Outro nome popular: guiné

“Sub-arbusto do Brasil. Parte usada raiz.
Estimulante, empregado nas paralisias”.

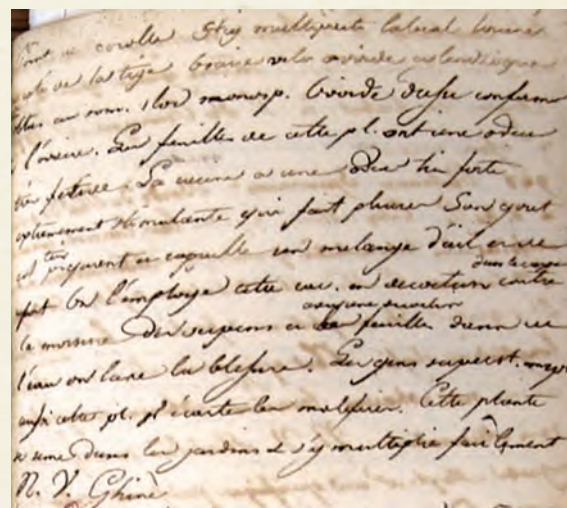
P.L.N. Chernoviz
Formulário e Guia Médico, 1841

“A raiz é ligeiramente fusiforme, tortuosa,
pouco ramosa, de 3 a 6 m/m de grossura,
de cor amarelo pardacenta, de aroma
particular, um tanto camphoraceo; é a
parte da planta mais usada, considerada
estimulante, anti-febril, diaphoretica, etc;
a tintura de emprega em fricções nas
paralysias, nos reumatismos e no beri-
beri.”

Peckolt & Peckolt
1893



MHNJB-UFMG, Belo Horizonte



Cadernos de campo, “N.V. Ghine”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos
recentes sobre esta planta.

PITANGUEIRA

Nome Científico: *Eugenia uniflora* L.

Família: MYRTACEAE

Outro nome popular: pitanga

“As praias perto do Rio são geralmente cercadas na extremidade superior das areias por uma faixa de arbustos, sempre verdes, o mais comum dos quais é a **Pitanga**, uma bela espécie de murta, (*Eugenia michellii*, De C.) com folhas muito lustrosas; suas sucosas frutinhas vermelhas, apesar de acres e de gosto ruim, em seu estado natural, servem para a confecção de um doce. Juntamente com este vegeta a *Sophora littoralis*, uma ou duas espécies de *Clusia*, uma palmeira anã cheia de espinhos e diversos outros arbustos, misturados de Cactus altos; e o chão, embaixo desses arbustos, é coberto por uma espécie de *Bromelia*, cujas folhas côncavas retêm água das chuvas, como numa taça.”

C.J.F. Bunbury

*Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835*



E. uniflora, MHNJB-UFMG, Belo Horizonte



À esquerda,
UFOP;
abaixo, cadernos
de campo
“N.V.
Pittanguero”.
Frutos
comestíveis

Nº 3348 Myrtaceae. Arbust. que s'elva, joga a 12 p.; ramagem densa e base?
St. Blanche N.V. Pittanguero. Frut comestível.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo demonstrou atividade analgésica e antitérmica do óleo essencial das folhas da planta, bem como efeito contra a *Giardia*, parasita causador de diarreias.

Amorim e cols. Phytomed. (2009) 16(10): 923-8.

Brandelli e cols. Parasitol Res. (2009) 104(6): 1345-9.

PITOMBEIRA

Nome Científico: *Talisia esculenta* (A. St.-Hil.) Radlk.

Família: SAPINDACEAE

Outro nome popular: pitomba



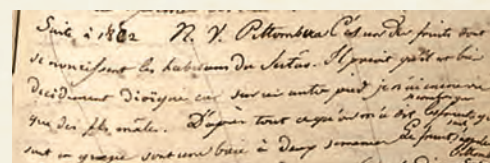
T. esculenta, MNHJB-UFMG, Belo Horizonte

“Sabe-se que várias Sapindáceas fornecem frutos muito procurados pelos habitantes dos trópicos. Parece que, em algumas *Schmidelia*, é do sarcocarpo que se faz uso; em outros gêneros, como *Euphoria*, *Blighia*, *Paullinia*, o arilo desenvolve-se muito e torna-se a parte alimentar. Auguste de Saint-Hilaire, não tendo visto ele próprio os frutos de nosso *Sapindus*, não pôde definir em qual dessas duas classes elas devem ser relacionadas; suas notas nos ensinam somente que seus frutos, chamados de **Pitomba** são carnudos e muito saboreados pelos habitantes do Certao.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN, Paris; cadernos de campo “N.V. Pittombera”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos da planta apresentaram efeito antimicrobiano e contra a aderência de bactérias à saliva, inibindo a formação de placas.

Pinheiro e cols. J Appl Microbiol (2009) 20.

Oliveira e cols. J Oral Sci. (2007) 49(2): 141-5.

POAIA

Nome Científico: *Hybanthus poaya*
(A.St.-Hil.) Taub.

Sinônimo: *Ionidium poaya* A.St.-Hil.

Família: VIOLACEAE

“Os habitantes da região onde cresce a planta que acabo de descrever a usam com sucesso como substituta de *Cephaelis*, que não se encontra na terra deles. Ora eles empregam a raiz de *Ionidium poaya* sem misturá-la, e ora misturam-na ao tártaro de potássio e de antimônia, como se faz em outros lugares com a Ipecacuanha verdadeira. Mas não é só como emético que administram *Ionidium poaya*; em outras doses ela se torna um evacuante, e 12 vinténs ou 0,000340 kg de sua raiz purgam um adulto. Essa planta confirma as propriedades eméticas que foram reconhecidas nas Violáceas, e tende-se a acreditar que, fazendo algumas experiências, encontraremos essas propriedades num grau mais ou menos eminente nas inúmeras espécies dessa família encontradas em diferentes partes do Brasil.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



H. poaya, Goiás



À esquerda,
Amostra
coletada por
A. de
Saint-Hilaire,
MNHN Paris;
abaixo,
cadernos de
campo “Poalha”

611708 Poalha La racine de cette plante est purgative
12 centim. de poids purgent un adulte. On mêle aussi cette racine
avec l'émétique. Feu 653. *Ionidium poaya* Aub. des H.
21. 11. 11

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos sobre esta planta.

POAIA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Richardsonia scabra* (L.) A. St.-Hil.

Família: Rubiaceae

Outros nomes populares: Poaia-branca, poaya-do-campo

“A virtude antispasmodica da Ipecac. patentea se no benefício, que prestaem varias enfermidades. Na Asthma espasmodica, á que muitas vezes são sugeitos os hypocondriacos, ás hystericas, e ás mulheres, á que falta a evacuação mensal, ou estão próximas desta epoca, he de huma singular efficacia, e muito superior aos opiados. Dá-se no mesmo paroxismo hum escropulo, que faz vomitar e imediatamente alivia. Na Asthma chronica, e habitual convem dar 3,5 até 10 grãos todas as manhãs por espaço de 4 ou 6 semanas: 5 grão commumente excitão o vomito, mas, se este não sobrevier á exhibição desta, ou menor dóse, não deixão de ser producuos, o que mostra mais claramente a virtude antispasmodica. Quando ha muito muco no bofe he ainda mais util; porque facilita a expectoração.”

Bernadino A. Gomes
1790



R. scabra, Alfredo de Vasconcelos e Coronel Pacheco



Bernardino A. Gomes, 1790-1801

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PONTA-DE-LANCETA

Nome Científico: *Solidago* sp.

Família: ASTERACEAE

Outro nome popular: arnica-da-horta

“Ambas estas ervas (*Solidago* sp. e *Baccharis occhraceae*) são tidas por excellentes vulnerárias”.

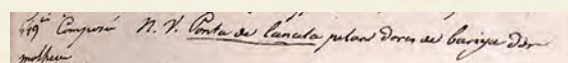
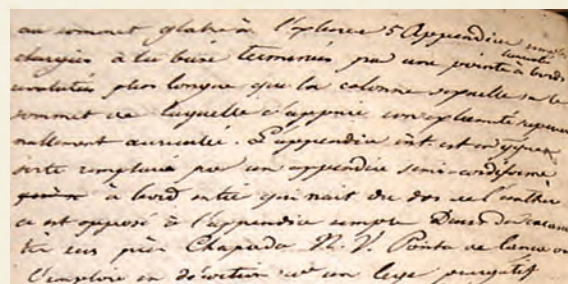
K.F.P von Martius
Sistema de Matéria Medica Vegetal
Brasileira, 1824

“As folhas são empregadas como curativo de feridas.”

P.L.N. Chernoviz
Formulário e guia médico, 1841



S. chilensis, Barbacena e Ouro Branco



Cadernos de campo, N.V. Ponta de lanceta.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A exemplo das *Lychnophoras*, as espécies de *Solidago*, especialmente a *S. chilensis*, são também conhecidas na medicina popular como arnica. Vários estudos vêm confirmando a ação benéfica da planta no tratamento de inflamações especialmente as musculares.

Silva e cols. *Phytother Res.* (2010) 24(2): 283-7.

Tamura e cols. *J. Ethnopharmacol.* (2009) 122(3): 478-85.

Liz e cols. *J Pharm Pharmacol.* (2008) 60(4): 515-21.

QUARESMEIRA

Nome Científico: *Tibouchina granulosa*
(Desr.) Cogn.

Família: MELASTOMATACEAE

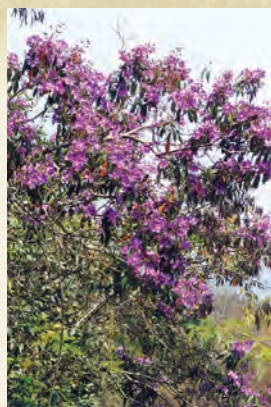
Outro nome popular: Flor-de-quaresma

“As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: ... **flor-de-quaresma** (*Rhexia princeps*, *holoserica*, *grandiflora*)...”

J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823

“A **Flor-de-Quaresma** é uma das mais esplêndidas variedades da bela família de plantas chamadas pelos botânicos Melastomáceas, as quais são extremamente numerosas no Brasil e em toda parte (tanto quanto me foi dado ver) constituem um traço notável na vegetação.”

C.J.F. Bunbury
Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



T. granulosa, Rio Acima



Cadernos de campo, página da direita, “N.V. flor de quaresma”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

QUINA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Strychnos pseudoquina* A. St.-Hil.

Família: LOGANIACEAE

Outro nome popular: quina-de-medanha, quina-do-cerrado, quina-do-sertão

“Entretanto, apesar das desanimadoras informações que acabo de dar sobre minha viagem pela Comarca de Paracatu, não é menos verdade que essa comarca dispõe de todos os elementos propícios à riqueza e à prosperidade. Não somente se encontram aí jazidas de ouro e diamantes, como também de ferro e estanho. Diversas plantas fornecem ao homem salutares remédios, como por exemplo, a **quina-do-campo** (*Strychnos pseudoquina*, Aug. S. Hil.), que já citei. As terras são férteis e as imensas pastagens poderiam alimentar numerosos rebanhos.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem às nascentes do
Rio São Francisco, 1830



S. pseudoquina, Lassance e Curvelo



À esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo, “N.Vulgaire Quina de Mendanha” e “N.V. China do campo”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito no tratamento de distúrbios gastrointestinais mas também teve efeito mutagênico. Isto indica que seu uso deve ser feito com muita cautela.

Santos e cols. Food and Chem Toxicol. (2006) 44(9): 1585-1589.

Silva e cols. Chem Pharm Bull. (2005) 53(8): 881-885.

QUINA-MINEIRA

Nome Científico: *Remijia ferruginea* (A. St.-Hil.) DC.

Família: RUBIACEAE

Outro nome popular: quina-da-serra, quina-de-remijio, quina-do-mato

“Depois de passar por Inficionado, atravessamos um terreno inteiramente ferruginoso, coberto de matas, e aí recolhemos grande número de belas plantas, principalmente de Apocináceas. Observamos que em geral, os terrenos dessa natureza são os que apresentam a flora mais variada. As plantas são em geral menos vigorosas que em outros lugares, mas estão longe de conter tantas partes aquosas. Certos vegetais indicam quase com segurança absoluta a presença do ferro e, entre eles, devem citar-se principalmente três espécies de quinquina de caule muito delgado que, sendo muito próximas, são confundidas pelos habitantes da região sob o nome de **Quina da Serra** ou de **Remijo**, e empregadas com êxito como febrífugas (*Cinchona ferruginea*, *vellozii*, *remijiana*. Aug. de Saint-Hil.).”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



R. ferruginea, Catas Altas



Amostra coletada por J. E. Pohl MHN Viena;
amostra coletada por A. de Saint-Hilaire MHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Testes *in vitro* mostraram efeito da planta contra o parasita causador da malária.

Andrade-Neto e cols. J Ethnopharm. (2003) 87(2-3): 253-6.

ROSA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Kielmeyera rosea* Mart. & Zucc.

Família: CLUSIACEAE

Outro nome popular: malva-do-campo

“Muitos arbustos floridos e belas plantas herbáceas se encontram no meio do capim: daqueles o *Diplusodon* e a *Kielmeyera* são os mais ornamentais; um deles (*Kielmeyera rosea*, Mart.) cresce em moitas de cerca de pé e meio de altura e produz grandes e numerosas flores cor de rosa, donde lhe vem o nome de **rosa-do-campo**. Das plantas herbáceas destes lugares as mais belas são as que pertencem as famílias Gencianáceas. Uma das espécies de *Lisianthus* produz grandes flores azuis em forma de sino, não diversas na forma das da *Digitalis* (...). As árvores dos campos altos são quase sempre pequenas e as principais são a bela sucupira (*Commilobuium polygalaeflorum*), *Qualea grandiflora* e *Qualea paviflora*, uma *Vochysia*, *Salvertia covallariodora*, uma *Panax*, uma *Albertina*, uma *Lafoensia*, duas espécies de *Cecropia*, a mangaba-do-mono, o caju e diversas espécies de *Mimosa*.”

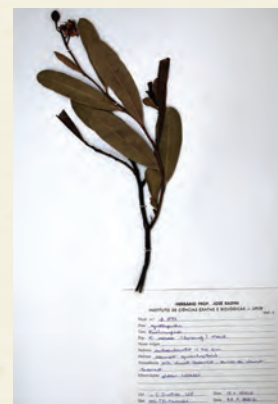
G. Gardner
Viagem ao interior do Brasil, 1846



K. rosea, Curvelo



Nova Genera et Species Plantarum,
1823-1824



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

SAIÃO

Nome Científico: *Kalanchoe brasiliensis*
Cambess.

Família: CRASSULACEAE

“Aplicações das folhsa e entrecasca, junta com certo balsamo, a herva da bidente pilosa, do mastruço (*spilanthus oleracea*) e da kalanchoes brasiliense (ahi mesmo chamada *sayão*) e o cotyledon (conchelos ou orelha de monge) (brasiliense de Velloso) costumão ser usados sobre os tumores da próstata.”

C.F.P. von Martius

Sistema de Matéria Médica Vegetal

Brasileira, 1824

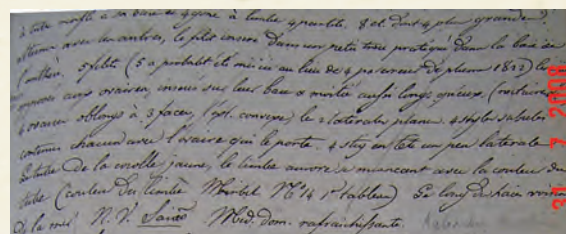
“Folhas espessas, ovas denteadas, de sabor amargo e um pouco ácido; flor cor de laranja. Parte usada folhas. – As folhas desta planta servem no curativo de várias feridas.”

P.L.N. Chernoviz

Formulário e Guia Médico, 1841



K. brasiliensis, Reserva Natural do Caraça



Cadernos de campo, “N.V. Saião”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O suco extraído da planta apresentou efeitos anti-inflamatório e imunomodulador, que foram atribuídos a um sal (kalanchosina dimalato), presente nele em grande quantidade.

Costa e cols. J Nat Prod. (2006) 69(5): 815-8.
Ibrahim e cols. Int Immunopharmacol. (2002) 2(7) : 875-83.

SALSAPARRILHA

Nome Científico: *Herreria salsaparrilha* Mart.

Família: AGAVACEAE

Outro nome popular: salsa, salsa-do-campo, salsa-do-mato

“Nos lugares mais baixos, há uma espécie de **salsaparrilha** (**salsa-do-campo** ou **salsa-do-mato**), que aparece nos formigueiros, embaixo das árvores. A raiz é grande e branca, sendo que a amarela é a preferida na Europa e nos Estados Unidos; segundo dizem, ela deve ser tomada com leite, para disfarçar a acidez e deve ser tomada bastante, mas com cuidado, evitando-se, por exemplo, tomá-la nomeio do dia. A salsaparrilha plantada nos quintais é toda colhida nesta estação, e as casas comerciais daqui cobram 2\$000 por libra para os galhos secos mandados para do Rio de Janeiro.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



H. salsaparrilha, Rio Espera



MNHN Paris e UFMG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

SAMBAÍBA

Nome Científico: *Curatella americana* L.

Família: DILLENIACEAE

Outro nome popular: lixeira, çambaíba, sambaúba, sandaia

“JAGUARA. Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira. Além dessas, notei **sambaíba** (*Curatella sambaiba*), também escrita “**sambaúba**” de frutos desvaliosos, folhas duras, usadas para escovar panos e uma casca adstringente, boa para curtume e para tratamento de feridas; produz o efeito do iodo, curando inflamações crônicas.”

R. Burton

*Viagem de canoa de Sabará ao
Oceano Atlântico, 1869*



C. americana, Curvelo e Corinto



MNHN Paris; cadernos
de campo,
“N.V. Sandaia ou
Sambaiba”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos farmacológicos evidenciaram as atividades anti-hipertensiva, antimicrobiana e anti-ulcerogênica das folhas da planta.

Hiruma-Lima e cols. J. Ethnopharmacol. (2009) 121(3): 425-32.

Costa e cols. Phytother Res. (2008) 22(5): 705-7.

Guerrero e cols. J. Ethnopharmacol. (2002) 80(1): 37-42.

SAMBAIBINHA

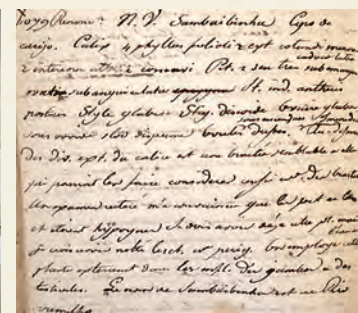
Nomes Científicos: *Davilla rugosa* Poir.,
Davilla elliptica A. St.-Hil.

Família: DILLENIACEAE

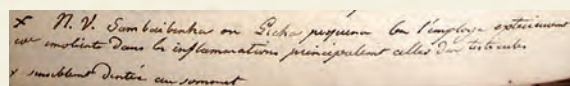
Outros nomes populares: cipó-de-carijó, çambaibinha,
cipó-de-caboclo



D. elliptica, Curvelo



Acima, à esquerda, amostra tipo MNHN Paris; abaixo e à direita, cadernos de campo, "N.V. Sambaibinha"



"As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: ... **sambaibinha** ou **cipó-de-carijó** (*Tetracera oblongata* D.C., *T. volubilis* L., *Davilla rugosa* Poir., *D. elliptica* St. Hil.)..."

J.B. von Spix & C.F.P. von Martius
Viagem pelo Brasil, 1823

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos de *D. elliptica* demonstraram atividade analgésica e antimicrobiana, especialmente contra as micobactérias. A *D. rugosa* apresentou atividade antioxidante, adaptogênica e antiúlcera gástrica.

Mendes e cols. *Phytother Res.* (2007) 21(6): 517-522.

Lopes e cols. *Mem Inst Oswaldo Cruz* (2007)102(6): 769-772.

Azevedo e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 113(2): 354-6.

SUCUPIRA

Nomes Científicos: *Pterodon emarginatus*

Vogel

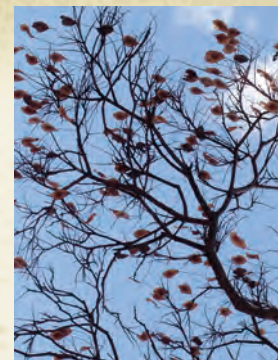
Família: FABACEAE – FABOIDEAE

Outro nome popular: sucupira-branca

“JAGUARA. Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e **sucupira.**”

R. Burton

*Viagem de Canoa de Sabará ao
Oceano Atlântico, 1869*



P. emarginatus, São João das Missões



Sementes comercializadas



Cadernos de campo,
“N.V. Sucupira branca ou faveira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As sementes da planta têm efeito confirmado como antiulcerogênica, antiinflamatória e antioxidante.

Dutra e cols. J Pharm Pharmacol. (2009) 61(2): 243-50.

Paula e cols. BMC Complement Altern Med. (2005) 5: 17.

TIBORNA

Nomes Científicos: *Himatanthus drasticus*
(Mart.) Plumel

Família: APOCYNACEAE

“OITAVA CLASSE - ACRES. O succo recente, ou o extracto com elle preparado, dá um producto drastico, que é recommendado contra febres intermittentes, obstrucções das visceras abdominaes, a icterícia e o empyema.”

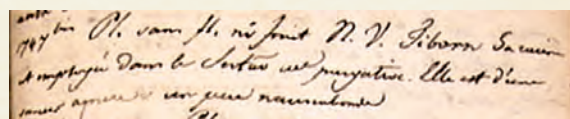
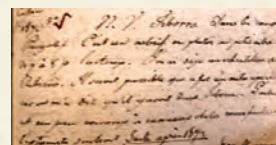
C.F.P. von Martius
Sistema de Matéria
Médica Vegetal Brasileira, 1824



H. drasticus, Mariana



À esquerda, MNHN
Paris; abaixo,
cadernos
de campo, “N.V.
Tiborna”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

TINGUI

Nome Científico: *Magonia pubescens*

A.St.-Hil.

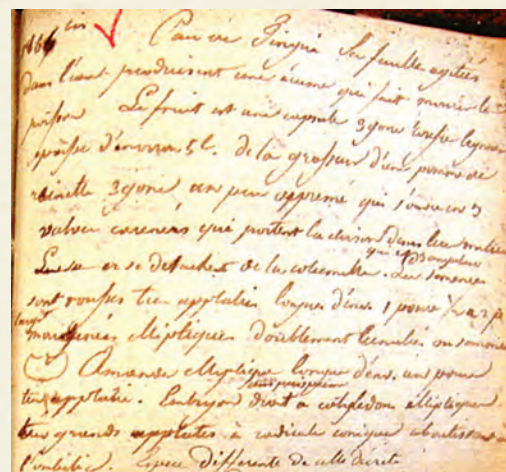
Família: SAPINDACEAE

“Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, **tingui** e sucupira.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



M. pubescens, Pompéu



Caderno de campo, “Pau de Tinguí”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos *in vitro* confirmaram a ação da planta como antioxidante e ietiotóxica.

Lemos e cols. Fitoterapia (2006) 77(6), 443-445

URUCUM

Nomes Científicos: *Bixa orellana* L.

Família: BIXACEAE

Outro nome popular: urucu

“ASPECTOS DOS TUPINAMBÁS COM ADORNOS FESTIVOS OU COM APRESTOS DE GUERRA. Como todos os indígenas da costa, tingiam os tupinambás a pele de negro azulado, e de vermelho alaranjado, com o suco de jenipapo e tinta de **urucu**; eram completamente arbitrários os desenhos que faziam sobre a pele, mas traçados com minucioso cuidado, e sua combinação algumas vezes requeria um dia de trabalho; quase sempre a mescla de vermelho e negro dava ao guerreiro um aspecto sinistro, aumentado ainda mais pelo resto de seus adornos.”

F. Denis
Brasil, 1888



B. orellana, Arantina



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O corante natural obtido do urucu é composto por carotenoides e possui atividade antígeno-tóxica, antimutagênica e antioxidante.

Shams e cols. Bull Nat Res Cent. (2006) 31(5): 385-397.

Junior e cols. Gen Mol Res. (2005) 4(1): 94-99.

Alves e cols. Food Chem Toxicol. (2003) 41(2): 189-192.

VASSOURINHA

Nome Científico: *Scoparia dulcis* L.

Família: SCROPHULARIACEAE

Outro nome popular: vassorinha-doce

“Erva indígena de nome Tupixava, conhecida em português como **vassourinha**. Na matéria médica brasileira ocupa lugar importante; usada no tenesmo, hemorróidas e inflamações, representa remédio de escolha nas dores.”

*Frei Mariano da Conceição Vellozo
Flora Fluminensis, 1790*

“Parte usada toda a planta. Emolliente. A infusão desta planta adoçada com açúcar ou xarope de avenca, usa-se nas bronchites. O cozimento administrado em clisteres é um remédio popular contra as hemorróidas, 4 grammas para 250 grammas de água.”

*P.L.N. Chernoviz
Formulário e Guia Médico, 1841.*



S. dulcis, Tiradentes



S. dulcis, Reserva Natural do Caraça

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos da planta demonstraram efeito contra o parasita causador da leishmaniose, como antidiabético e no tratamento de úlcera gástrica.

Gachet e cols. J Ethnopharmacol. (2010) 128(1): 184-97

Latha e cols. Nat Prod Res. (2009) 23(16): 1528-40.

Babincová e cols. Fitoterapia (2008) 79(7-8): 587-8.

VERBASCO

Nome Científico: *Buddleja stachyoides* Cham.
& Schltdl.

Sinônimo: *Buddleja brasiliensis* Jacq. ex Spreng

Família: SCROPHULARIACEAE

Outro nome popular: barbasco

“Certas plantas fazem constantemente a sua aparição em terra recentemente desbravada nesta região do país, tais como *Buddleja brasiliensis*, *Phytolacca decandra*, *Scoparia dulcis*, e diversas espécies de *Solanum* e *Hyptis*. (...) Outras plantas muito comum nas beiras das estradas são a *Sida carpinifolia*, outra parecida com uma *Spermacoce* (*Iriodon glomeratus*, De Cand.) um arbusto baixo, ramalhudo e frondoso, de folhas pequenas, brotando em tufo de flores minúsculas. *Mimosa sensitiva* é, do mesmo modo, abundante nesse trato da região, formando, em alguns lugares, matas de considerável extensão.”

C.J.F. Bunburry

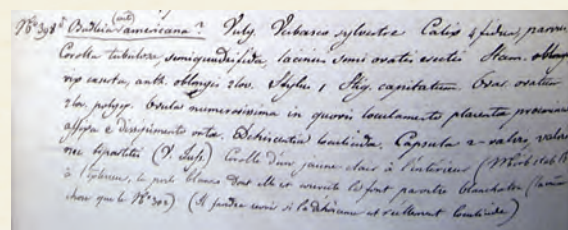
Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



À esquerda, MNHN
Paris; abaixo, cadernos
de campo,
“N. Vulg. Verbasco
sylvestre”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Abcessos – Área inflamada dolorida com formação de pus

Acetogeninas – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos

Adaptogênica – Que melhora as funções normais do organismo

Adstringente – Contrai os tecidos da pele e lhes dá firmeza

Alcaloides – Classe de substâncias naturais com diversos efeitos biológicos

Analgésico – Que diminui a dor

Antifúngico – Contra fungos

Antigenotóxica – Que impede danos no DNA

Antihipertensiva – Contra a hipertensão

Antiinflamatória – Contra a inflamação

Antimalárica – Combate a malária

Antimicrobiana – Contra os microorganismo

Antimutagênico – Que impede danos no DNA

Antioxidante – Combate os radicais livres

Antiparasitária – Contra os parasitas

Antisifilítica – Combate a sífilis

Antitumoral – Combate o crescimento de tumores

Antiulcerogênica – Contra a formação e evolução de úlceras

Antiviral – Contra os vírus

Antracênico – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos

Apoptose – Morte celular programada

Bactericida – Que elimina as bactérias

Carotenoides – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos

Citotóxica – Causa danos às células

Diaforético – Causa transpiração

Decocção – Cozimento

Edulcorante – Mascara o sabor desagradável de outras substâncias

Emética – Que causa vômitos

Emoliente – Substância que amacia e acalma a pele

Epispáticos – Que irrita a pele

Esclerótica – Membrana que recobre o olho

Febrífugos – Que diminui a febre

Flavonoides – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos

Fungicida – Substância que elimina os fungos

Genotóxico – Causa danos ao DNA

Hidropsia – Edema; inchação resultante do acúmulo de líquido

Hipoglicêmico – Que reduz a taxa de glicose no sangue

Hipotensora – Abaixa a pressão arterial

Ictiotóxica – Tóxica para peixes

Imunomodulador – Aumenta número de anticorpos

Leucorreia – Corrimento viscoso esbranquiçado pela vagina

Micobactéria – Microorganismos causadores de tuberculose

Moluscicida – Substância que destrói os moluscos

Mutagênese – Processo que leva a danos no DNA

Peroxidação lipídica – Processo envolvendo radicais livres que causa danos às células

Polifenóis – Classe de substâncias naturais com diversos efeitos biológicos

Saponinas – Classe de substâncias naturais que produz efeitos tensoativos

Sesquiterpeno – Classe de substâncias naturais que compõe os aromas das plantas

Sucedâneo – Planta que recebe o mesmo nome de outra comprovada cientificamente

Taninos – Classe de substâncias naturais que produz adstringência

Tensoativas – Substâncias que promovem misturas em líquidos imiscíveis

Triterpenos – Classe de substâncias naturais com diferentes efeitos biológicos

ÍNDICE REMISSIVO

- Abati-timbahy - 67
 Acaju - 36
Achyrocline satureioides - 71
 Açoita-cavalo - 17
Acrocomia aculeata - 70
Acrocomia sclerocarpa - 70
 Alcaçuz - 18
 Alcanfora - 91
 Alecrim-do-campo - 19
 Algodão - 20
 Algodãozinho-do-campo - 21
 Algodoeiro - 20
 Ambaitinga - 53
 Ambaúva - 53
Anacardium humile - 37
Anacardium occidentale - 36
Anadenanthera colubrina - 22
 Ananás - 80
 Andaaçu - 47
 Anda-açu - 47
 Andaiaçu - 47
 Angico - 22
 Anil - 60
 Anileira - 60
Annona - 24
 Araçá - 23
 Araçazeiro - 23
 Araticum - 24
 Araucária - 94
Araucaria angustifolia - 94
Aristolochia - 66
 Arnica - 25
 Arnica-da-horta - 100
 Aroeira - 26
 Árvore-da-batata - 69
 Árvore-da-preguiça - 53
 Árvore-de-paina - 81
 Árvore-do-sabão - 27
 Assa-peixe - 29
 Azedinha - 29

Baccharis dracunculifolia - 19
Baccharis genistelloides - 44
Baccharis trimera - 44
 Barba-de-timão - 30
 Barbasco - 114
 Barbatimão - 30
Bauhinia forficata - 84
 Bignonia - 31
Bignonia venusta - 31
Bixa orellana - 113
 Bority - 32
 Braço-de-mono - 82
 Braço-de-preguiça - 82
 Brasil-açu - 85
 Brasileiro - 85
 Brasil-mirim - 85
Bromelia - 80
 Bruti - 32
Buddleja brasiliensis - 114
Buddleja stachyoides - 114
 Buriti - 32
 Butua - 33
 Butua-do-curvo - 21
Byrsonima - 77
 Caangunha - 49
 Caapeba - 33, 41
 Caapiá - 42
 Caá-piá-de-pisão - 42
Caesalpinia echinata - 85
 Cagaiteira - 34
 Caiapiá - 42
 Cainca - 35
 Caju - 36
 Caju-do-campo - 37
 Cajueiro - 36
 Cajueiro-nanico - 37
 Caju-rasteiro - 37
 Cajuzinho-do-campo - 37
 Camará - 38, 46
 Camara-de-bilro - 88

 Camara-do-mato - 88
Campomanesia pubescens - 56
 Cana-de-macaco - 39
 Cana-do-brejo - 39
 Candeia - 25
 Canela-de-ema - 40
 Cangunha - 49
 Caninha-do-brejo - 39
 Canudo-amargoso - 88
 Capeba - 41
 Capicuru - 26
 Capitão-do-mato - 46
 Carapiá - 42
 Caroba - 43
 Carqueja - 44
 Carqueja-amarga - 44
 Carqueja-amargosa - 44
Caryocar brasiliense - 92
 Casca-d'anta - 45
 Casca-de-anta - 45
 Cassaú - 66
 Catingas-de-negro - 82
Cecropia - 53
Ceiba speciosa - 81
Cephaelis ipecacuanha - 62
 Chá-de-frade - 46
 Chá-de-pedestre - 46
 Chá-falso - 46
Chiococca alba - 35
Chondrodendron platyphyllum - 33
 Cipó-cruz - 35
 Cipó-de-caboclo - 108
 Cipó-de-carijó - 108
 Cipó-de-mil-homens - 66
 Cipó-de-São-João - 31
Cissampelos ovalifolia - 79
Cochlospermum regium - 21
 Coco-de-catarro - 70
 Coco-de-purga - 47
 Cocolera - 91

Colher-de-vaqueiro - 48
 Congonha - 49, 75
 Contra-erva - 42
 Copaíba - 50
Copaifera - 50
 Copaíva - 50
 Corneiba - 26
Costus spiralis - 39
Croton antisiphiliticus - 91
Croton perdicipes - 91
 Cruzadinha - 35
Curatella americana - 107
 Curraleira - 91
 Cutieira - 47
Davilla elliptica - 108
Davilla rugosa - 108
Dorstenia - 42
 Douradinha - 51
 Douradinha-do-campo - 51
 Drosera - 52
Drimys granatensis - 45
Drimys winteri - 45
 Embaúba - 53
 Embira - 53, 93
 Erva mular - 91
 Erva-de-bicho - 54
 Erva-do-Paraguai - 75
 Erva-mate - 75
Erythrina corallodendron - 76
Eugenia dysenterica - 34
Eugenia uniflora - 96
 Fedegoso - 55
 Fedegoso-do-mato - 55
 Flor-de-quaresma - 101
 Folha larga - 48
 Folha-santa - 89
 Forquilha - 88
 Frero - 29
 Fruta-de-arara - 47
 Fruta-do-lobo - 69
 Gabiroba - 56
 Gajamarioba - 55
Geissospermum laeve - 88
 Gentiana - 57
 Gervão - 58

Goiaba - 59
 Goiabeira - 59
Gomphrena officinalis - 83
Gossypium barbadense - 20
 Gravatá - 80
 Gritadeira - 51
 Guaiaba - 59
Guazuma ulmifolia - 78
 Guiné - 77, 95
Hancornia speciosa - 73
Herreria salsaparrilha - 106
Himatanthus drasticus - 110
Himatanthus obovatus - 86
Hortia brasiliana - 87
Hybanthus poaya - 98
Hymenaea courbaril - 67
 Ibirapitanga - 85
Ilex paraguariensis - 75
 Imbaíba - 53
 Imbaúba - 53
 Indaiá-açu - 47
 Indaiacú - 47
 Índigo - 60
Indigofera suffruticosa - 60
 Ingá - 61
Inga vera - 61
 Inhapecanga - 65
Ionidium poaya - 98
 Ipecacuanha - 62
 Ipe-cea-goena - 62
 Ipécea-goente - 62
 Ipê-roxo - 63
Irlbachia - 57
 Jaborandi - 64
Jacaranda caroba - 43
 Japecanga - 65
 Japicanga - 65
 Japi-canga - 65
 Jarbão - 58
 Jarrinha - 66
 Jatahy - 67
 Jataí - 67
 Jataí-uva - 67
 Jatobá - 67
 Jetahy - 67

Jetaí - 67
 Jetaíba - 67
Joannesia princeps - 47
 Juá - 68
 Juapecanga - 65
 Juazeiro - 68
Kalanchoe brasiliensis - 105
Kielmeyera rosea - 104
Kielmeyera speciosa - 89
Lantana camara - 38
Lippia - 46
 Lixeira - 107
 Lobeira - 69
Luehea grandiflora - 17
Lychnophora pinaster - 25
 Macaúba - 70
 Macela - 71
 Macela-do-campo - 71
Magonia pubescens - 111
 Malva-diurética - 72
 Malva-do-campo - 72, 89, 104
 Mangaba - 73
 Mangabeira - 73
 Maracujá-de-estralo - 74
 Maracujá-grande - 74
 Mate - 75
Mauritia flexuosa - 32
Mauritia vinifera - 32
 Melancia-do-campo - 80
 Melancium - 80
 Mil-homens - 66
 Mororó-dos-índios - 84
 Motamba - 78
 Mucajá - 70
 Mulungu - 76
 Murici - 32, 77
 Muricky - 32
 Mutamba - 78
 Mutombo - 78
 Orelha-de-onça - 79
 Orgibão - 58
Oxalis cordata - 29
 Paineira - 81
Palicourea rigida - 51

Palmeira-buriti - 32
 Palmeira-macaúba - 70
 Panacéia - 82
 Páo-pereira - 88
 Para-todo - 83
 Paratudo - 83
 Para-tudo - 83
 Pariparoba - 41
Passiflora alata - 74
Passiflora foetida - 74
 Pata-de-vaca - 84
 Pau-d'óleo - 50
 Pau-Brasil - 85
 Pau-d'arco - 63
 Pau-de-arara - 48
 Pau-de-dente - 88
 Pau-de-leite - 86
 Pau-de-óleo - 50
 Pau-de-pinhão - 89
 Pau-paratudo - 87
 Pau-pereira - 88
 Pau-santo - 89
 Pau-terra - 90
Pavonia - 72
 Pé-de-perdiz - 91
 Pequi - 92
 Pequizeiro - 92
Periandra mediterranea - 18
 Periparoba - 41
 Perpétua - 83
Petiveria alliacea - 95
 Piã - 42
 Pimenta-de-macaco - 93
 Pindaíba - 93
 Pinguaciba - 88
 Pinhão - 89
 Pinheiro - 94
 Pinheiro-Brasileiro - 94
 Pinheiro-do-Brasil - 94
 Pinheiro-do-Paraná - 94
Piper aduncum - 64
Piper umbellatum - 41
 Pipi - 95
 Piqui - 92
 Pitanga - 96

Pitangueira - 96
 Pitomba - 97
 Pitombeira - 97
 Poaia - 98
 Poaia-branca - 99
 Poaia-do-campo - 99
 Poaya - 62
 Poaya-da-botica - 62
 Poaya-do-mato - 62
Polygonum hydropiperoides - 54
 Ponta-de-lanceta - 100
Pothomorphe umbellata - 41
Psidium guajava - 59
Psidium pomiferum - 59
Psidium rufum - 23
Psychotria ipecacuanha - 62
Pterodon emarginatus - 109
 Purga-de-gentio - 47
 Purga-dos-paulistas - 47
Pyrostegia venusta - 31
Qualea grandiflora - 90
 Quaresmeira - 100
 Quina - 87
 Quina-da-serra - 103
 Quina-de-condaima - 44
 Quina-de-medanha - 102
 Quina-de-pobre - 88
 Quina-de-remijio - 103
 Quina-do-campo - 102
 Quina-do-cerrado - 102
 Quina-do-mato - 103
 Quina-do-sertão - 102
 Quina-mineira - 103
 Quitoco - 55
 Raiz-amargosa - 57
 Raiz-do-padre-salerno - 83
 Raiz-fedorenta - 35
 Raiz-preta - 35
Remijia ferruginea - 103
Richardsonia scabra - 99
 Rosa-do-campo - 104
 Rosa-do-mato - 72
Rudgea viburnoides - 49
 Sabonete-de-sabará - 27
 Saboneteira 27

Saião - 105
 Salsa - 106
 Salsaparrilha - 65, 106
 Salsa-do-campo - 106
 Salsa-do-mato - 106
Salvertia convallariodora - 48
 Sambaíba - 107
 Sambaibinha - 108
 Sambaúba - 107
 Sandaia - 107
Sapindus saponaria - 27
Schinus terebinthifolius - 26
Scoparia dulcis - 113
Senna occidentalis - 55
Smilax - 65
Solanum cernuum - 82
Solanum lycocarpum - 69
Solidago - 100
Stachytarpheta jamaicensis - 58
Strychnos pseudoquina - 102
Stryphnodendron adstringens - 30
 Sucupira - 109
 Sucupira-branca - 109
Tabebuia impetiginosa - 63
Talisia esculenta - 97
 Tiborna - 86, 110
Tibouchina granulosa - 101
 Tingui - 111
 Trevo - 29
 Tririquim - 55
 Tupinico - 26
 Ubá-assú - 88
 Umbaúba - 53
 Unha-de-vaca - 84
 Urgevão - 58
 Urucu - 112
 Urucum - 112
 Vassourinha - 113
 Vassourinha-doce - 113
Vellozia - 40
 Verbasco - 114
Vernonia polyanthes - 28
Xylopia aromatica - 93
Xylopia sericea - 93
Zizyphus juazeiro - 68

REFERÊNCIAS

Bunbury, C.J.F., 1981. Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Burmeister, H., 1958 [1853]. Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Livraria Martins Editora, São Paulo.

Burton, R., 1976 [1869]. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Burton, R., 1977 [1869]. Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Castelnau, F., 1949 [1850]. Expedição às Regiões Centrais da América do Sul. Coleção Brasiliana, São Paulo.

Chernoviz, P.L.N., 1996. A Grande Farmacopéia Brasileira. Formulário e Guia Médico, 19a Edição. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte.

Denis, Ferdinand. 1980 [1798 – 1890]. Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.

D'Orbigny, A., 1976 [1836]. Viagem pitoresca através do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Gardner, G., 1975 [1846]. Viagem ao Interior do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Gomes, B.A., 1972. Plantas Medicinais do Brasil. Brasiliensia Documenta, Universidade de São Paulo: São Paulo.

Luccock, J., 1975. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte, Ed. da Universidade de São Paulo: São Paulo.

Martius, C.F.P., 1854. Systema de Materia Medica Vegetal Brasileira. Typografia Universal de Laemmert: Rio de Janeiro.

Martius, C.F.P., 1824. Nova Genera et Species Plantarum quas in Itinere per Brasiliam. Typis Lindaueri: Monachii.

Peckolt & Peckolt, 1888-1896. História das plantas medicinais e úteis do Brasil. Typographia Lammert & C.: Rio de Janeiro. 8 vols.

Pohl, J.E., 1976 [1832]. Viagem ao interior do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Pohl, J.E., 1827. Plantarum Brasiliae Icones et Descriptions. Vienna: Vindobonae. 2vols.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem às nascentes do Rio São Francisco. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire A., 1824. Plantes Usuelles des Brésiliens. Grimbert Libraire, Paris.

Saint-Hilaire 1975 [1830] Viagem a Provincia de São Paulo. Itatiaia: Belo horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire A., 2009 [1828] Plantas Usuais dos Brasileiros. Código, DATAPLAMT-UFGM: Belo Horizonte.

Spix, J.B., Martius, C.F.P., 1981 [1823]. Viagem pelo Brasil (1817-1820). Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Silva, D.B., 1997. Diários de Langsdorff. Editora da FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

Vellozo, F.M.C. 1881. Flora Fluminensis. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

Warming, E., 1973 [1892]. Lagoa Santa. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.